

ANO 12 NÚMERO 18

CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Territórios do Comum | 2021

sescsp.org.br

Sesc 75 ANOS

Ação cidadã { ESPECIAL: A luta por direitos e vida digna para todos continua } INTERVENÇÃO: Arte de Pegge vai da periferia para a galeria humanizando vidas } REPORTAGEM: As respostas da terra, das trocas e das redes rurais e urbanas para tempos difíceis } ENTREVISTA: Rafael Zanatta discute sobre as cooperativas de plataforma } ARTIGO: Outro mundo possível



RESERVA NATURAL SESC BERTIOGA

Inserida na zona urbana no litoral paulista, a Reserva Natural Sesc Bertiooga protege aproximadamente 600 mil m² de floresta alta de restinga, abrigando 590 espécies de fauna e flora.

O Sesc protege a biodiversidade, dialoga com a comunidade e estimula as pessoas a interagirem e conviverem com as áreas naturais.

Saiba mais em
sescsp.org.br/reservanatural

INSCRIÇÕES CONSTANTES

Danilo Santos de Miranda
Diretor do Sesc São Paulo

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE UMA GRAVURA SE DÁ PELO MANUSEIO DE ferramentas sobre uma superfície maleável. Entintada, a matéria gravada é pressionada sobre outra superfície, mais comumente o papel, dando origem à impressão de uma imagem. Com destreza e sensibilidade, o gravador ofertará expressividade aos traços, volumes e cores assentadas sobre ela.

Por sua vez, a elaboração de um mapa passa pela observação e o posterior decalque sobre papel (ou tela, em tempos mais recentes) dos fenômenos que se inscrevem em determinado território, sejam eles naturais, políticos, econômicos etc. No entanto, serão outras ferramentas que lhe darão forma. Por exemplo, o grau de intensidade com que a cidadania é exercida será determinante para delinear os espaços democráticos.

Em tempos marcados por desafios nos âmbitos sociais, ambientais e sanitários, o exercício da cidadania se anuncia como conduta fundamental na proposição de modos de viver sustentáveis, nos diferentes territórios que ocupamos e nas sociedades democráticas que queremos construir. Desse modo, o fomento à criação e articulação de tecnologias e trocas sociais, o convívio e a proteção da biodiversidade, o respeito aos diferentes tipos humanos e suas realidades são alguns dos mecanismos que nos dão régua e compasso a fim de traçarmos rotas com a envergadura que tal tarefa exige.

É neste terreno, da contribuição à reflexão e aos processos da cidadania ativa, que esta edição dos Cadernos Sesc de Cidadania se localiza. Vetor de destaque nas ações que o Sesc desenvolve junto às comunidades nas quais está inserido, ganha aqui um panorama histórico, e também atualizado ao contexto das contingências da pandemia, e ressoa por um amplo prisma de vozes, geradoras de iniciativas e mobilizações da sociedade civil.

Assim, seu conteúdo oferece subsídios e inspirações à concepção de uma certa ecologia de saberes e práticas, que se articulam em prol do bem viver, resgatando o entendimento ancestral de que indivíduos, coletivos e natureza são indissociáveis.

A exemplo de uma matriz que proporciona a multiplicação de um sem-número de gravuras, é possível produzirmos matrizes sociais que ofereçam bases comuns a distintas perspectivas, sem nunca perdermos de vista as dinâmicas, culturas e identidades que definem uma sociedade plural. Se desejamos que os mapas do nosso mundo sejam modificáveis a partir das demandas de realidades dignas, com cores intensas e paisagens vibrantes, é urgente que nossas ferramentas sejam manuseadas pela ética, por meio da participação social e de forma coletiva. ■

índice }

p.5 *artigo Sesc*

Uma ação em rede para valorizar e construir modos de viver mais solidários, sustentáveis e acessíveis

p.8 *reportagem especial*

Fomos feitos para viver em sociedade e com direitos iguais, mas a luta pela cidadania parece não ter fim

p.20 *intervenção*

Nas telas de Pegge, um olhar afetivo e cheio de luz retrata personagens que a gente vê nas ruas

p.24 *entrevista*

Rafael Zanatta questiona mitos da digitalização e defende o avanço de coletivos em plataforma de negócios

p.28 *perspectivas*

Agroecologia, hortas urbanas, bioconstrução e tecnologias limpas vêm revolucionando os territórios

p.38 *artigo*

Nesse acúmulo de crises, é urgente um novo jeito de caminhar: um outro mundo é possível - e necessário



Foto Dani Sandrini



FORMATO ALTERNATIVO

Esta publicação está disponível também com recursos de acessibilidade, como descrição de imagens, letras ampliadas e contrastes. Acesse em <https://www.sescsp.org.br/territoriosdocomum2021> ou posicione a câmera do seu celular sobre o código QR.

Baixe o aplicativo Sesc São Paulo e tenha acesso a esta e outras publicações gratuitamente.



Expediente

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro Galina
ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

Cadernos Sesc de Cidadania Territórios do Comum

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS Hélcio Magalhães
ADJUNTA Karina Musumeci
ASSISTENTES Ana Paula Fraay, Fabíola Tavares Milan, Gabriela Borsoi, Gislene Lopes, Lourdes Teixeira Benedan, Thais Franco, Tina Cassie, Rogério Ianelli
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO PARA SUSTENTABILIDADE E CIDADANIA
Denise de Souza Baena Segura
ADJUNTO Fabio Luiz Vasconcelos
ASSISTENTES Gabriela Graça Ferreira, Ligia Helena Ferreira Zamaro, Midiã Claudio Silva, Octavio Weber Neto, Tania Perfeito Jardim, Virginia Baglini Chiaravalloti

EDITOR Otávio Rodrigues PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Márcio Freitas
REPORTAGEM Maitê Freitas, Vanessa Cancian COLABORAÇÃO Agnís Freitas
FOTOS Dani Sandrini REVISÃO José Américo Justo TRATAMENTO DE IMAGEM Edson Sales ÁUDIODESCRIÇÃO Lívia Motta INTERFACE PARA RECURSOS ACESSÍVEIS Gabriel Augusto

A revista Cadernos Sesc de Cidadania é uma publicação do Sesc São Paulo. Distribuição gratuita

Impresso em dezembro 2021
Tiragem: 10.000 exemplares

Acesse a versão online e baixe a versão PDF desta revista em [sescsp.org.br/online/revistas](https://www.sescsp.org.br/online/revistas)

Sesc São Paulo
Av. Álvaro Ramos, 991
03331-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 2607-8255

[sescsp.org.br](https://www.sescsp.org.br)



TERRITÓRIOS DO COMUM

Gerência de Educação para a Sustentabilidade e Cidadania

AS FORMAS COMO NOS RELACIONAMOS COM OS AMBIENTES ONDE HABITAMOS

e convivemos estão entrelaçadas às nossas histórias, produzem anseios e repertórios, e se entrecruzam à nossa perspectiva de vida. Para além das narrativas individuais – que se somam a outras experiências no mundo –, estamos inseridos em modos de viver organizados socialmente, que nos colocam a todo momento a necessidade de vincular nosso olhar àquilo que nos circunda, nos pequenos e grandes territórios dos quais fazemos parte.

Ao encontro com o que há de comum nos mapas de nossas vidas, está a oportunidade de deflagrar pontos de contato, que nos dão a ver e a refletir sobre quais lugares ocupamos na conjunção das infinitas camadas que formam os territórios onde vivemos – essencialmente o lugar de produção da vida. Não estamos isolados e vivemos em correlação uns com os outros, sendo responsáveis pelos territórios que nos dão sustentação e atentos às suas transformações, àquelas que estão ao nosso alcance e às historicamente construídas.

Do processo herdado pela modernidade, baseado em avanços técnicos e no domínio sobre a natureza, avançamos pelo mundo contemporâneo

com uma soma de riscos ambientais, chegando a uma crise de proporções globais, com sérios riscos à vida e à biodiversidade, que atinge de forma mais evidente as camadas vulnerabilizadas da população. Diante da fragmentação do pensamento entre sociedade-natureza e de práticas pouco sustentáveis ao longo dos tempos, o desafio está em salvaguardar os elos vitais de manutenção da vida. Engana-se quem percebe essa tarefa distante do cotidiano.

MEIO AMBIENTE E CIDADANIA

O Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) – órgão da ONU que avalia as mudanças climáticas, www.ipcc.ch – apontou, em agosto de 2021, as consequências desses efeitos em diferentes partes do globo terrestre, com prejuízos às populações humanas em áreas sensíveis como saúde, agricultura, abastecimento, além das perdas às populações não humanas e os efeitos negativos aos ecossistemas. Para a América Latina e Brasil, os dados indicam o aumento da temperatura e da seca. O Relatório IPCC demonstrou a necessidade de a sociedade e, sobretudo, de os governos adotarem medidas assertivas de redução

das emissões de gases de efeito estufa, implementando tecnologias limpas, para a diminuição do aquecimento global.

Na mesma ordem de atenção está o território dos direitos e a construção permanente da cidadania – que significa dizer sentir-se parte de uma determinada comunidade e ali mobilizar-se em torno de problemas comuns. Esse exercício produz uma miríade de interações sociais, manifestações culturais, expressões políticas que beneficiam a própria comunidade ao criar espaços de articulação, de tomada de decisão e de construção de estratégias a fim de suplantar barreiras em prol do bem comum.

A FORÇA DAS COMUNIDADES

Aliás, no contexto atual, não há como negar que a pandemia da covid-19 impôs uma crise sanitária e econômica que intensificou os agravos à dignidade humana, expondo a população mais vulnerável às altas taxas de desigualdade social. Ainda assim, a criação de respostas para o enfrentamento dessas adversidades tem sido protagonizada, em grande parte, por articulações e movimentos sociais. Eles viabilizam ações coletivas que são essenciais, do ponto de vista da ação solidária e cidadã, explicitando a força motriz que há nas comunidades.

São aprendizados que não ficam estanques aos povos originários ou delimitados aos territórios onde foram criados, já que saberes são intercambiáveis e os aprendizados são aprimorados nas quebradas, nos bairros, nas cidades. É pela via da participação cidadã e pela responsabilidade coletiva que as comunidades constroem tecnologias sociais, economias em bases solidárias, empreendimentos sociais periféricos e práticas sustentáveis e acessíveis, como forma de criar e manter a própria vida nos territórios. Convidamos você, que nos lê, a conhecer esses processos de aprendizagem.

Na acessibilidade, os benefícios dos territórios, cidades e bairros mais



SAIBA MAIS

Ações do projeto
Territórios do Comum
[sescsp.org.br/
territoriosdocomum](http://sescsp.org.br/territoriosdocomum)

acessíveis são colhidos por toda a população, ocorrendo um fenômeno social que se inicia no reconhecimento da alteridade de pessoas com deficiência. Passa a ser fundamental adequar ambientes, serviços e locais públicos e privados para o livre exercício de ir e vir das pessoas com deficiência. É uma necessidade atual, sobretudo, pautar cada vez mais aspectos que promovam maior equidade, e que eliminem barreiras à participação. Esses aprendizados geram conexões entre experiências individuais e coletivas, sem distinção.



Ilustração Gustavo Caboco



Saberes são intercambiáveis e aprendizados são aprimorados nas quebradas, nos bairros, nas cidades, não ficam estanques ou delimitados aos territórios onde foram criados



NOVOS VALORES

Na geração de trabalho e de renda nos territórios marcados pela ausência de políticas sociais, observa-se o protagonismo de agentes em torno da economia solidária e na autogestão que promovem o desenvolvimento local. Novas articulações são criadas entre produtor-consumidor com sistemas locais de troca, de prestação de serviços ou de cooperativas populares, que incluem a criação de moedas sociais e os bancos comunitários. Os Empreendimentos de Economia Solidária (EES) e os Negócios de Impacto nas Periferias (NIPs) têm impulsionado empreendimentos de pequenos produtores, como estratégia para alcançar o acesso ao mundo produtivo e do trabalho.

Na área socioambiental, os modos de viver mais sustentáveis se constituem em repertórios e tecnologias cuja preocupação central é a garantia da biodiversidade e da diversidade cultural. Esses valores estão presentes na agroecologia; entre grupos que lutam pela conservação de áreas naturais, ações de consumo responsável e destinação adequada de resíduos; na ação de povos originários e tradicionais, na manutenção das formas de viver.

A RESPONSABILIDADE DE CADA UM

Essas formas de expressão nos territórios que demonstram modos de viver mais solidários, sustentáveis e acessíveis estão na ação em rede Territórios do Comum, que reúne as áreas de Educação para Acessibilidade, Educação para Sustentabilidade e Valorização Social do Sesc SP, a partir do mapeamento e da articulação entre as iniciativas sociais presentes nos territórios onde estão inseridas as Unidades da instituição. Com essa ação, o Sesc SP visa despertar a atenção para a (re)existência e criação da vida por meio da responsabilidade de cada um sobre a vida em comum, mantendo o compromisso de valorizar saberes e repertórios, articular diálogos sobre temas de interesse público e caros à construção da cidadania. ▣

CONSTRUINDO A CIDADANIA

Não faltam indícios de que fomos feitos para viver em sociedade, com direitos sociais e vida digna para todos. Ainda assim, parece que teremos de lutar por isso (e juntos) de forma permanente

texto: Otávio Rodrigues

A não ser em fábulas ou ficções científicas, seria absurdo imaginar bichos e plantas estudando História ou certas condutas sociais e políticas da Grécia Antiga. Mas tudo indica que o princípio de bem comum, base da democracia e da cidadania, seja tão avançado na fauna e na flora quanto entre nós, humanos e racionais. No livro *Revolução das Plantas*, o cientista e neurobiólogo italiano Stefano Mancuso conta que as abelhas pesquisam e escolhem coletivamente o local de uma nova colmeia, a despeito de terem uma rainha. Isso ocorre também entre mamíferos e outras classes de animais, em que os grupos possuem um líder ou membro mais experiente: a decisão sobre qual caminho seguir, por exemplo, em geral é uma escolha compartilhada, porque

garante resultados melhores e custos mais baixos para o coletivo. Nas ótimas palavras do autor, *a existência de princípios gerais de organização torna os grupos mais inteligentes do que os indivíduos mais inteligentes que os compõem*. É a chamada “vontade da maioria”, que confirma o dito popular “duas cabeças pensam melhor do que uma”.

Mas, como deixa claro o título da obra, o cientista italiano vai falando desses e outros aspectos do reino animal e da biologia humana para, enfim, explorar o estupendo cooperativismo que existe no mundo das plantas. Pois para além da equilibrada convivência de diferentes espécimes num ambiente ou bioma, algo que podemos observar e já nos assombra, os vegetais têm suas funções descentralizadas. Não há órgãos específicos e localizados, como cérebro, coração



DIREITOS BÁSICOS. Cidadania é educação, moradia, saúde, trabalho, salário justo, uma velhice tranquila. “O que mais podemos reivindicar, se nem isso a gente recebeu?”, pergunta o historiador Jaime Pinsky



Foto Dani Sandrini

e pulmão, mas funções diversas distribuídas por toda a planta, das raízes às folhas. E foi exatamente essa natureza diferente, essa “arquitetura modular, sem centros de comando”, que fez 80% do peso de tudo que está vivo na Terra ser composto de vegetais – que, vale lembrar, nem sequer têm pernas para escapar de predadores ou catástrofes naturais.

A despeito da capacidade de movimento e da racionalidade, o ser humano parece ter dificuldade para acertar os passos na construção de uma sociedade justa e solidária. Pois a História está repleta de situações em que as vontades de alguns se sobrepõem, só que baseadas na lei do mais forte, na centralização do poder. Daí vêm momentos de reação, com a maioria menos favorecida agindo para participar das decisões, adquirir ou recuperar direitos. O bem comum, assim, aparece e desaparece como um submarino, de acordo com as formas de pensamento e existência vigentes, e só emerge quando as pessoas e suas comunidades vivem e agem colaborativamente.

PARTICIPAÇÃO NO COLETIVO

Jaime Pinsky é um estudioso da cidadania. Historiador e professor da Unicamp, doutor e livre-docente

pela Universidade de São Paulo (USP) e um dos organizadores do livro *História da Cidadania*, ele como que nos pega pela mão e faz um passeio pelo tema. “Ser cidadão é ter direitos vitais, fundamentais, como direito à vida, à liberdade, à propriedade (no mundo ocidental), à igualdade perante à lei. Onde não existem esses direitos civis, você não tem cidadãos. Começa aí! Porque numa sociedade democrática, a esses direitos civis têm de ser acrescidos os direitos políticos, ou seja, o direito de votar, de ser votado, e, principalmente, a participação do indivíduo no coletivo, na riqueza coletiva – o direito à educação, ao trabalho, a um salário justo, à saúde, o direito a uma velhice tranquila.”

O professor propõe então uma parada para que observemos a paisagem. “O que mais nós podemos reivindicar, se nem isso a gente recebeu? Todo mundo tem uma aposentadoria que permita uma velhice tranquila e saudável? Temos o direito de votar e sermos votados de forma equânime, de nos candidatar e ter chances idênticas às do outro, de expressar opiniões nos mesmos espaços que aquele outro? Quer dizer, no dia que tudo isso existir, teremos uma cidadania razoavelmente organizada e poderemos começar a pensar em outros passos.”



Foto Wikimedia Commons



CAMINHOS DA CIDADANIA

Algumas referências na contínua luta por direitos civis, políticos e sociais

Século VIII a.C.	Século V a.C.	100 a.C.	1500	1695	1776
<ul style="list-style-type: none"> Textos dos profetas Amós e Isaías, primeiras manifestações documentadas da cidadania, trazem as bases do monoteísmo ético, que exige do fiel um comportamento ético, além do devocional. 	<ul style="list-style-type: none"> Apogeu da democracia em Atenas, com políticas de inclusão dos pobres, mas não de mulheres, estrangeiros e pessoas escravizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> Voto secreto, tido como essência da liberdade cidadã, é inventado em Roma. 	<ul style="list-style-type: none"> Entre 5 e 8 milhões de indígenas vivem no Brasil quando se inicia o processo de colonização por Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> O líder quilombola Zumbi dos Palmares é morto numa emboscada em 20 de novembro, hoje Dia da Consciência Negra no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> Independência dos Estados Unidos, que, inspirada em ideais iluministas, fomenta a ideia de nação no modelo republicano e federalista. A abolição da escravatura somente aconteceu em 1865 – 89 anos depois.

Saiba mais

A Constituição Brasileira de 1988, também chamada de Constituição Cidadã, é um marco na conquista de direitos fundamentais:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Foto Matheus José Maria



DÍVIDA HISTÓRICA. Entre 5 e 8 milhões de pessoas viviam por aqui quando no século XVI se inicia o processo de colonização por Portugal. Mais de 500 anos se passaram e os povos originários continuam em luta pela terra e pelo reconhecimento de sua cultura, entre outros direitos fundamentais

JUNTO E MISTURADO

Testemunha ilustre e silenciosa de um esforço cidadão, o Cristo Redentor viu pessoas e famílias sem acesso à moradia se acomodando junto ao Parque Nacional da Tijuca ao longo dos anos. Trata-se da quarta maior área verde urbana do país, manancial de corpos d'água, refúgio de espécies animais e vegetais da Mata Atlântica – era preciso fazer algo pelo equilíbrio dessa convivência delicada. Em 2017, teve início um projeto bancado pelo plano de compensação do trem turístico do Corcovado, que atravessa essas comunidades, envolvendo o conselho consultivo do Parque, o Instituto Chico Mendes e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Marta de Azevedo Irving, professora titular do Instituto de Psicologia dessa instituição, conta que a estratégia era a de todo mundo junto e misturado. “A gente queria fazer tudo *com* os moradores e não *para* os moradores. Primeiro, um diagnóstico para entender a situação, então começar a construir com eles um projeto de educação socioambiental para toda aquela área, para trabalhar a reconexão dessas pessoas com o Parque da Tijuca.” Mas o que uma professora de Psicologia estaria fazendo nesse contexto? Esse é outro ponto interessante da história, pois Marta Irving também é graduada em Ecologia e Biologia Marinha, tem especialização em Gerenciamento Costeiro, mestrado em Gestão de Recur-

• Inconfidência Mineira marca longo período de revoltas contra a colonização portuguesa no século XVIII, processo que culminaria na independência do Brasil em 1822.

1789

• Queda da Bastilha, marco da Revolução Francesa, que culmina na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

1824

• Primeira Constituição brasileira define ensino primário e gratuito para “todos os cidadãos”, finalmente incluindo mulheres, mas ignorando negros e indígenas.

1888

• Lei Áurea liberta negros em condição de escravidão, contudo os deixa à própria sorte, sem acesso a propriedade, trabalho, educação, saúde e demais direitos básicos.

1891

• Segunda Constituição brasileira permite voto direto para homens alfabetizados maiores de 21 anos.

1917

• Primeira greve geral da indústria e comércio no Brasil dá visibilidade ao trabalhador assalariado e marca início de sua politização.

1919

• Bertha Lutz e outras pioneiras criam a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, plataforma da luta pelo voto feminino no Brasil.

Fotos Matheus José Maria



PROTEÇÃO. A pandemia da covid-19 trouxe à tona a importância do acesso democrático à saúde



ALIMENTO. Hortas comunitárias garantem alimento de qualidade enquanto protegem a natureza

sos Hídricos e doutorado em Ciências – o que dá conta de como as disciplinas hoje têm de se misturar diante de questões cada vez mais complexas e interconectadas. “Só se pode trabalhar a proteção da natureza e a conservação da biodiversidade trabalhando essa articulação com a cultura.”

Além do meio ambiente, o Projeto Inclusão Social e Processos Participativos na Gestão do Parque Nacional da Tijuca contemplou educação, saúde, alimentação, emprego e renda, tendo os moradores como executores de seus próprios projetos. “É mais difícil quando alguém de fora, um ator externo, chega para um grupo desses e diz: ‘Olha, vocês têm de fazer assim e assim’. Não! Acho que esses grupos têm condições de saber o que fazer, então buscar assessoria técnica nas universidades, nos órgãos do governo. A gente erra muito com essa postura arrogante de detentor de conhecimento, quando o conhecimento está em toda parte.” Segundo ela, é preciso ter iniciativas inovadoras, que façam com que as populações das periferias entendam a proteção da natureza como garantia para a própria sobrevivência, para a qualidade de vida. “Uma questão central é trabalhar diálogos de saberes e fazeres, porque muitos desses grupos têm conhecimento profundo

do seu próprio lugar, algo que muitas pessoas de fora não vão ter. Por exemplo, as hortas comunitárias e a restauração florestal, inclusive para captação de recursos.”

O nome oficial e quilométrico do projeto ainda aparece em textos acadêmicos, mas o que pegou foi o apelido. “Todo mundo começou a chamar de Favela-Parque”, conta a professora. “Não foi a gente que trouxe, foi um conceito criado ao longo do trabalho.” O sucesso desse esforço faz lembrar a inteligência descentralizada das plantas. “Foram as comunidades locais, foram os agentes locais os pesquisadores junto com nosso grupo. Não fomos nós a dizer para eles quem eles são, foram eles que disseram quem eles são e o que querem. Isso muda tudo.”

MILHÕES DE INVISÍVEIS

Há alguns anos, Fernando Braga da Costa, psicólogo da USP, realizou um trabalho de pesquisa em que vestia uniforme laranja e se passava por um dos garis da instituição. Para seu espanto, além de não ser reconhecido pelos colegas e alunos, passou a ser ignorado como pessoa, não escutava mais bom dia, por favor ou com licença. Nem sequer olhavam para ele. E é provável que o resultado dessa experiência não espante muitos leitores, pois

Foto TSE/Divulgação



1925	1927	1932	1946	1949	1961
<ul style="list-style-type: none">• Decreto Federal 4.982 estende o direito a férias para todos os trabalhadores brasileiros, tratando também de saúde, lazer e qualidade de vida.	<ul style="list-style-type: none">• Decreto Federal 17943-A, primeiro código dedicado à proteção da infância e da adolescência no Brasil, eleva de 9 para 18 idade para responsabilização criminal.	<ul style="list-style-type: none">• Código Eleitoral Brasileiro assegura voto feminino, desde que a mulher seja alfabetizada, casada e com autorização do marido ou viúva com renda própria.	<ul style="list-style-type: none">• Quinta Constituição brasileira torna o voto obrigatório para alfabetizados maiores de 18 anos (mais da metade da população era iletrada).	<ul style="list-style-type: none">• O sociólogo inglês Thomas Humphrey Marshall define a cidadania plena com base em três esferas: civil, política e social.	<ul style="list-style-type: none">• É homologada a criação do Parque Nacional Indígena do Xingu, um dos maiores do gênero em todo o mundo.• Greves e mobilizações sociais agitam o cenário político.



FAVELA-PARQUE. Comunidades e pesquisadores trabalhando pelo bem comum



PERTENCIMENTO. Cidadãos têm direito a uma relação harmônica com o ambiente



1962	1964	1966	1971	1975	1977
<ul style="list-style-type: none"> • Estatuto Civil da Mulher Casada permite que as brasileiras possam trabalhar sem autorização do marido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Golpe militar põe o Brasil num regime autoritário que perduraria até 1985, suprimindo direitos básicos dos cidadãos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, adotado pela ONU e assinado por países de todo o mundo, inclusive o Brasil, define direito ao trabalho, saúde, educação e vida digna para todos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Surge a Teologia da Libertação, corrente teológica cristã disseminada por milhares de Centrais Eclesiais de Base (CEBs). 	<ul style="list-style-type: none"> • ONU anuncia o Ano Internacional da Mulher e define 8 de março como Dia Internacional da Mulher. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lei Federal 6.515, "Lei do Divórcio", permite no Brasil a extinção completa dos vínculos jurídicos do casal e a possibilidade de um novo casamento, além de proteger as uniões estáveis.

essa invisibilidade compulsória é recorrente em nossa sociedade, ora por razões sociais, ora por questões raciais – e muitas vezes as duas.

“O Brasil foi o último país a proibir o tráfico de africanos e, mesmo com a tal lei, continuou de forma clandestina”, lembra Célia Cristina da Silva Pinto, executiva da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq). Nesses territórios, a luta pela cidadania tem uma longa história. “O Estado trabalhou a política de embranquecimento, tanto é que deu a tal alforria aos negros, mas não os contratou, não deu terra, não deu moradia, não deu dignidade alguma, os deixou à própria sorte. Trouxe os imigrantes, deu terra, deu condições para eles trabalharem e produzirem. E quem era a mão de obra deste país? Quem tinha iniciado os processos de construção deste país? Pessoas que foram arrancadas da África – eram elas que estavam produzindo riqueza.”

Tecnóloga em Gestão Ambiental, Célia Cristina vive entre a capital, São Luís, e o quilombo do Acre, no município de Cururupu, Baixada Maranhense, onde ela, sua família e muitos de seus antepassados nasceram. “Com a pandemia, fiquei mais no meio rural, voltei a me reeducar, porque tinha

perdido muita coisa, como a contemplação da natureza, a questão do tempo... No quilombo, a gente dorme cedo e levanta cedo – isso eu nunca perdi! É uma relação harmônica com o lugar.” O traço que na linha do tempo assinala a abolição, por seu simbolismo histórico, não conta tudo que veio antes, tudo que veio depois nem o que havia por trás. “Achavam que a gente iria desaparecer, ficar à míngua. Mas nossos antepassados já tinham provado que não, que a gente não iria morrer de fome, porque sabia muita coisa, tinha muitas engenharias e produção própria de alimentos. E havia exemplos, pois naquela época os quilombos já existiam como modelos de sociedade autônoma, que geravam suas próprias riquezas. Um povo de muitos conhecimentos, muitos saberes. E foi o que nos manteve e mantém vivos até hoje.”

SER PARTE DA NATUREZA

No início dos anos 1980, o Centro de Cultura Negra do Maranhão tomou a iniciativa de fazer um levantamento das comunidades rurais negras do estado, encontrou a maioria com problemas fundiários, de saúde, saneamento, educação, trabalho e renda. Surgiu um projeto, a mobilização virou notícia, e logo outros núcleos do



Foto Pedro Abude

LEGADO. A construção de uma sociedade democrática depende de acesso à educação e ao conhecimento, de convívio social e de troca de experiências

movimento negro Brasil afora davam início a trabalhos similares, identificando e mapeando as “terras de pretos”. Unidos na luta, pressionaram lideranças políticas e conseguiram incluir suas demandas na Constituição de 1988. “É a primeira vez na história que quilombolas passam a ter direitos, visibilidade e algum reconhecimento por parte do Estado. Até então, pensavam que essa população não existia, que era insignificante – tan-

to é que passou o artigo que garante o título definitivo de nossas propriedades. Imaginavam que nós, nessa invisibilidade tamanha, não passaríamos de 100 comunidades. Só que, para surpresa deles, somos mais de 6 mil territórios quilombolas nesse Brasil grande.”

Na análise transversal da professora Marta Irving, nosso país é um caso único. “A abordagem socioambiental tornou-se uma marca do Brasil, a gen-

Foto Wikimedia Commons



• Lei Federal 6.938 define a Política Nacional de Meio Ambiente.

Foto Senado Federal/Divulgação



1979

• Associação de moradores multiplicam-se e criam novos canais de atuação cidadã, com grande participação feminina.

1981

• Ano Internacional da Pessoa com Deficiência (ONU), marco para início da mobilização social pela garantia de mais direitos no Brasil.

1982

• O xavante Mário Juruna é o primeiro indígena eleito deputado federal (PDT/RJ).
• Primeira eleição direta para governadores, senadores e deputados federais desde 1960.

1984

• Decreto Federal 89.460 promulga no Brasil a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (ONU/ 1979).

1985

• Eleição de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral marca o fim da ditadura militar.
• Primeira Delegacia da Mulher do país é criada em São Paulo.

1988

• Sétima Constituição brasileira, “Constituição Cidadã”, garante voto, igualdade, liberdade, acesso à saúde e à educação, entre outros 79 direitos individuais e coletivos, razão do décimo lugar entre as constituições que mais preveem direitos.

“A luta é brava. Exige muito diálogo muita construção, lágrimas e energia para chegar a essas conquistas” (Beto Pereira)

Foto Junior Nascimento/Divulgação



VIVÊNCIA. Acompanhado de seu cão-guia, Beto Pereira conta sobre as aventuras e desventuras de pessoas com deficiência visual

te não vê essa leitura pelo mundo, não vê essa discussão sobre povos e populações tradicionais. Isso veio se consolidando com o papel dos movimentos sociais, indígenas, quilombolas, seringueiros, ribeirinhos e populações de reservas extrativistas de zonas marinhas e costeiras, que começaram a mostrar que existem e que têm um modo particular de conexão com a natureza. Enquanto vivemos nossas realidades urbanas, ocidentalizados e

em ruptura, essas sociedades chegaram dizendo: ‘Olha só, pra nós não é bem assim... Nós nos sentimos parte da natureza, nós pertencemos à natureza, então a gestão da natureza significa também a gestão de nossas vidas, a afirmação de nossos direitos!’. Bem, pelo menos no meu grupo de pesquisa, não se fala mais de diversidade biológica dissociada da diversidade social e cultural – a gente reafirma a sociobiodiversidade brasileira.”

CIDADÃOS ORGANIZADOS

Como vemos, movimentos sociais e mesmo certas ações coletivas pequenas, mas organizadas, podem modificar a abordagem científica, podem legitimar seus territórios, garantir direitos básicos, podem até mudar a Constituição de um país. “A luta é brava”, resume o sociólogo e jornalista Beto Pereira, reforçando uma ideia que permeia todas as conversas a respeito da conquista e manutenção da cidadania: nada cai do céu. “Exige muito diálogo, muita construção, lágrimas e energia para chegar a essas conquistas. E, quando a gente sente que elas estão ameaçadas, são dois sentimentos. O primeiro é de insatisfação, tristeza até. O segundo é de força, porque se a gente parar de lutar, a coisa tende a piorar.”

Entre outros conhecimentos, Beto entende de cerveja, fez um curso de sommelier. Em 95% das tentativas, afirma, é capaz de acertar a cor exata da bebida valendo-se apenas do paladar. O que torna tal habilidade mais notável é que Beto faz parte dos 23,9% de brasileiros com deficiência – no caso dele, a visual. Nascido em uma família simples, enxergava pouco, perdeu a visão por completo aos 12 anos. Estudou numa escola regular, daí começou a se interessar por comunicação,

• Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

• Leis Federais 8.080 e 8.142 dispõem sobre a organização do Sistema Único de Saúde (SUS) e a participação da comunidade em sua gestão.

• Comemorações dos 300 anos de Zumbi e 1º Encontro Nacional de Comunidades Quilombolas.

• É criada a Conaq - Coordenação Nacional e Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

1989

• Lei Federal 7.853 define no Brasil Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência e cria a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Deficiente (Corde).

• Primeira eleição direta para presidente depois da ditadura militar elege Fernando Collor de Mello.

1990

• Lei Federal 8.069 dispõe sobre Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

1992
• Fórum Global “Cúpula dos Povos”, no Rio de Janeiro.

1993

• Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida é criada por Herbert de Souza, o Betinho, projeto mais tarde encampado pelo governo federal no Plano de Combate à Fome e à Miséria.

1995

• Governo Federal lança o Programa Comunidade Solidária para o combate à extrema pobreza.

1996

• Decreto Federal 1.973 promulga no Brasil a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará, 1994).

foi trabalhar em rádio e, com a chegada do computador no estúdio, resolveu estudar informática para não perder o bonde. Não imaginava o trem que estava por vir. “A Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual (Laramara), onde fiz o curso, acabou me despertando para como essas organizações são importantes.” Primeiro, se envolveu nas atividades da Laramara, depois foi indicado como delegado na Organização Nacional dos Cegos do Brasil (ONCB), onde se tornaria secretário, vice-presidente e, desde o ano passado, presidente. “A Organização reúne 90 entidades de todo o Brasil, atua em habilitação e reabilitação, na garantia e defesa de direitos de pessoas cegas, com baixa visão ou deficiência múltipla, o que representa 6,5 milhões de pessoas.”

AS ONGS E OS INGS

A “luta brava” do Beto e da ONCB, além de participação em audiências públicas e voz no Conselho Nacional de Saúde, inclui uma cadeira na presidência ampliada do Conselho Nacional de Assistência Social, onde se defende a bandeira de todas as pessoas com deficiência, não só a da visual. “Participamos ainda de encontros e reuniões com senadores, deputados, ministros, presidentes e autoridades em geral, de forma partidária,



“O momento é de resistência, o trabalho é grande e estamos lutando. Só não pode perder o que já conquistou”
(Mila Guedes)



para construir e criar uma sociedade que inclua pessoas com deficiência, uma sociedade acessível, inclusiva, que respeite as necessidades humanas.” A atuação alcança empresas e corporações, avançando em novos entendimentos para a acessibilidade. “É responsabilidade social, mas *business* também. Pessoas com deficiência trabalham, viajam, consomem... Atendê-las não é caridade, não é coitadismo. É criar ambientes, locais e espaços mais eficientes, capazes de acolher todas as especificidades humanas, atender a todos como usuários.”

Para encarar essa agenda respeitável, reforça ele, só caminhando junto. “A gente costuma brincar dizendo que

existem as ONGs, que todos conhecem, e os INGS, que são os indivíduos não governamentais, aqueles que falam sempre na primeira pessoa – eu fiz, eu faço, eu preciso, eu quero, eu tenho, eu posso, eu exijo. Esse é o ING, que não entende que, coletivamente, a força se torna maior.” Beto segue a regra em casa e na rotina de trabalho, não prescinde da ajuda de Alexa e Terry. Ela é uma assistente virtual capaz de tarefas fáceis, como fazer uma ligação, pedir um carro pelo aplicativo, ligar e desligar outros dispositivos. Já o Terry tem quatro patas e uma conduta impecável como cão-guia, o responsável pelos passos do dono. “Nossa cumplicidade é indescritível.”

DUPLAMENTE VULNERÁVEIS

O conceito de uma acessibilidade geral já tem nome: desenho universal. Nada de adaptações, recursos ou entradas exclusivas a separar as pessoas por suas diferenças: a ideia é que prédios e espaços públicos e privados, bem como produtos e serviços, sejam pensados e desenvolvidos para atender a todos – e pronto. Outra reflexão trazida pela linguagem diz respeito ao termo “pessoa com deficiência”, hoje tido como correto. “Eu gosto, porque você olha primeiro para a pessoa, depois para a deficiência. Mas gosto mais de ‘diversidade funcional’.

Foto Dani Sandrini



• Governo Federal cria o Programa Bolsa Família, unificando cinco outros programas de transferência condicionada de renda.

1997	1998	1999	2003	2004	
• Lei Federal 9.433 institui no Brasil a Política Nacional de Recursos Hídricos e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos.	• Lei Federal 9.605, “Lei dos Crimes Ambientais”, traz sanções penais e administrativas para agressões à flora, à fauna, aos recursos naturais e ao patrimônio cultural do Brasil.	• Decreto Federal 3.298 regulamenta Leis 8.122/90 e 8.213/91, que definem no Brasil cotas de emprego para pessoas com deficiência em concursos públicos e na iniciativa privada.	• Lei Federal 9.790 define a qualificação de organizações da sociedade civil brasileira e beneficia o desenvolvimento do terceiro setor.	• Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência (Conade), criado em 1999, é vinculado à Secretaria de Direitos Humanos e passa a ter atuação mais efetiva.	• Conselho das Cidades é criado, garantindo mais participação dos cidadãos nas políticas de desenvolvimento urbano.

RAÍZES. Ignorando o descaso e a ausência de políticas públicas, a população afro-brasileira mantém-se unida, garantindo a sobrevivência e também sua cultura ancestral. Celebração pela conquista da terra no quilombo Ivaporunduva, em Eldorado (SP), 2009



Foto Isabel D'Elia

- Portaria 687 aprova a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS), com as bases da atuação do Estado brasileiro nessa esfera.

- Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU) consolida o "paradigma da inclusão".

- Criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

- Decisão do Supremo Tribunal de Justiça garante no Brasil a transexuais trocarem nome e gênero no registro e sem ressalvas nos documentos pessoais.

- Primavera Árabe, onda de manifestações e protestos mobilizada em redes sociais chama a atenção do mundo para a repressão e censura em países do Oriente Médio e norte da África.

2006

- Lei Federal 11.340, "Lei Maria da Penha", coíbe, pune e previne a violência doméstica no Brasil.
- Decreto Federal 5.758 institui o Plano Estratégico Nacional de Áreas Protegidas.

2007

- Decreto Federal 6.040 institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil.

- Instrução Normativa do Superior Tribunal Federal reconhece união homossexual para efeitos de previdência social.

2008

- Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU).

2009

- Lei Federal 12.015 dispõe no Brasil sobre os crimes contra a dignidade sexual, define atos libidinosos e atentados violentos ao pudor como crimes de estupro.

2010

- Procuradoria Geral da Fazenda Nacional dá parecer favorável à inclusão de companheiro ou companheira homossexual como dependente na declaração de imposto de renda.

“Um povo que não luta por sua cidadania não faz por merecê-la e a acaba perdendo” (Jaime Pinsky)

É um conceito novo que vem de um grupo da Espanha, é algo a ser estudado, precisa ser validado, mas é importante entendê-lo.” Quem diz isso é a publicitária Mila Guedes, coordenadora do Projeto Caliandra, que trabalha para prevenir, identificar e combater a violência contra mulheres desse grupo duplamente vulnerável. “Um estudo do Banco Mundial mostra que mulheres e meninas com deficiência sofrem dez vezes mais agressões que as sem deficiência.”

Mila tem esclerose múltipla, que lhe reduz a mobilidade, e degeneração de Stargardt, causa de baixa visão. Conta que a família sempre a apoiou. “Não faziam as coisas por mim, me incentivavam a ir lá e me virar. ‘Quer água? Vai lá e pega, você consegue!’. Isso foi me moldando.” Ela também agradece por ter estudado em escolas regulares. “Não estaria aqui e nem fazendo mestrado na USP se não tivesse tido uma educação inclusiva.” Tem uma cadeira de rodas, mas con-

fia mesmo é na *scooter* – aquele carrinho com uma cesta, fácil de ver em shoppings. “Moro na Vila Madalena, onde as calçadas são horrorosas, então uso a rua mesmo, o que acaba despertando os outros. A lavanderia, que tinha uma entrada péssima, acabou melhorando. O bar ao lado também me via passando, a calçada ali tinha degrau, eles fizeram uma rampa! Ora, se você não vê pessoas com deficiência saindo por aí, porque vai arrumar a calçada?”

A pandemia trouxe ainda mais atividade ao Projeto Caliandra, em iniciativas que envolvem Nigéria, Serra Leoa, Sri Lanka, Mongólia e Haiti. “Na maioria das vezes, a violência é sofrida em casa, alguém da família ou o cuidador. Há vários tipos de deficiência, mas a mulher nessa situação, em geral, está numa vulnerabilidade muito grande, depende totalmente dessas pessoas. Como ela vai mudar a situação? Assim, trabalhamos o tema falando dele, ouvindo e contan-

do casos, chamando a atenção de profissionais de saúde, agentes de segurança e de toda a sociedade, dizendo o que acontece, onde buscar informação, onde denunciar.” Mila pensa positivo, acredita em um mundo cada vez mais acessível, mas que será preciso desenvolver mais lideranças nas comunidades, nas famílias, nos negócios e nas empresas. “O momento é de resistência, o trabalho é grande e estamos lutando. Só não pode perder o que já conquistou.”

UMA BANDEIRINHA NO EVEREST

De fato, a cidadania tem suas conquistas cravadas na linha do tempo, mas esses marcos podem cair. “Quando se diz que é uma conquista, não quer dizer que você fincou a bandeirinha lá no Everest e nunca ninguém vai tirá-la. Pode ter um vento forte, pode ter uma tempestade de neve, a bandeira pode ficar enterrada e desaparecer”, diz o professor Jaime Pinsky. “Portanto, cidadania é uma construção contínua.

Reprodução



• Supremo Tribunal Federal declara legal a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

2011	2012	2014	2015
<ul style="list-style-type: none"> • Decreto Federal 7.612 lança no Brasil o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro produz e divulga os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 	<ul style="list-style-type: none"> • Decreto Federal 7.747 institui no Brasil a Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI). • Lei Federal 12.965, “Marco Civil da Internet”, estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da rede mundial no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lei Federal 13.146 institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. • Lei Federal 13.104, “Lei do Femicídio”, inclui homicídio de mulheres em razão do gênero entre os crimes hediondos.



SEM LIMITES. Pessoas com deficiência estão nas ruas, praças, passeios públicos e até nas pistas mais radicais. É preciso ambientes e locais mais acessíveis para atender os cidadãos, sem qualquer distinção

Ela tenta ser uma evolução, mas é uma construção contínua. Um povo que não luta por sua cidadania não faz por merecê-la e a acaba perdendo.” Autor de mais de 20 livros, envolvido com as questões nacionais, a cultura e a educação, Pinsky nem precisa recorrer ao passado para dar exemplos. “É só verificar o que está ocorrendo na Hungria, Turquia, Polônia, Bielorrússia, países que já tiveram estruturas democráticas e que as perderam, porque não souberam defendê-las. A cidadania só existe, no final das contas, para quem a merece.”

Voltando ao livro do cientista italiano e ao reino vegetal, podemos descobrir ainda que, tal como nas plantas, os neurônios de nosso cérebro também seguem um modelo cooperativo e cidadão. Dizendo de outro jeito, nossas escolhas e ações são quase sempre baseadas nos impulsos elétricos produzidos pela maioria dessas células — o que não nos garante sabedoria, mas acena com a possibilidade de alguma evolução. Claro está que nosso potencial criativo permite desenvolver estruturas e organizações de inteligência distribuída como as do mundo vegetal, alinhadas com as dimensões do mundo interdependente em que vivemos e convergindo no ideal de bem comum. Só não podemos ficar parados. ■

• PL 2.190 regulamenta no Brasil a Política Nacional do Emprego Apoiado para pessoas com deficiência intelectual.

• Superior Tribunal Federal derruba restrição que proibia homossexuais de doarem sangue.

• Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) mostra que o planeta está mais quente do que esteve nos últimos 125 mil anos.

• COP15 (biodiversidade) e COP26 (mudanças climáticas), conferências organizadas pela ONU, e a Cúpula de Líderes sobre o Clima, iniciativa dos Estados Unidos, reforçam discussões sobre meio ambiente e o futuro do planeta.

2016

• Entra em vigor o Acordo de Paris, que ampara políticas públicas para fomentar o desenvolvimento sustentável e a redução de emissões de gases de efeito estufa.

2019

• Supremo Tribunal Federal define como crime a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

2020

• Pandemia da covid-19 abala cidadãos de todo o mundo, com implicações na saúde e na economia, mas também na política, no trabalho, na educação, no lazer e na cultura.

2021

• Surge o G10 Bank, criado por um grupo de líderes de favelas de vários estados para oferecer acesso a crédito e promover o desenvolvimento social nas comunidades.

2022

• Em construção.

• Supremo Tribunal Federal discute o chamado Marco Temporal das Terras Indígenas enquanto 6 mil deles acampam na Esplanada dos Ministérios. Decisão segue em aberto.

Zelo

Óleo sobre tela

Pegge

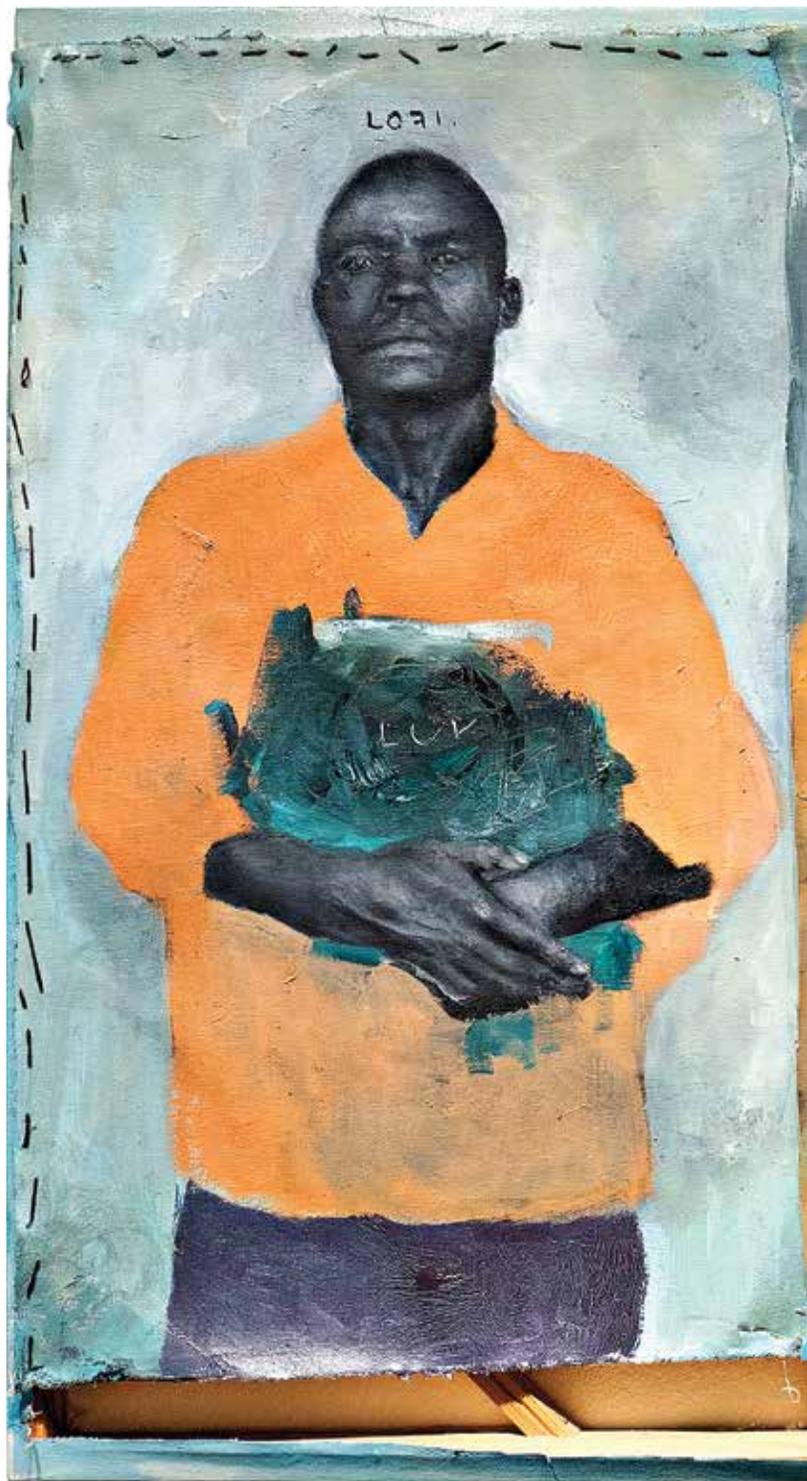
(São Paulo, 1997)

SOBRE A TÉCNICA

Pintura à base de óleo sobre tela de algodão cru tratado com gesso acrílico, uso de pincel na composição dos espaços.

SOBRE A OBRA

Tríptico de 1,20 por 0,80 m, assim descrito pelo artista: “Essa obra é de 2019, fala sobre redescobrir o amor em você, em sua vida. Eu estava entrando em um relacionamento, fazia tempo que não namorava, queria entender o que estava sentindo, de acordo com o que estava acontecendo. Primeiro, o personagem tem nas mãos algo abstrato – é um sentimento. Ele não sabe como segurar e nem existe uma forma certa de segurar no começo. Depois, aquilo começa a tomar forma – é o amor, mesmo. E por último ganha vida, com duas pessoas de mãos dadas e em movimento.”







O jovem artista em seu atelier, lugar de telas e tintas com ritos de café e música

Valorizando vidas

Com retratos (e autorretratos) Pegge busca espelhar pessoas que a gente vê na rua

texto: Maitê Freitas

fotos: Dani Sandrini

Artista da periferia, 24 anos, Pegge caminha contra as estatísticas e hoje ocupa espaços no mundo da arte. Sua obra retrata jovens negros e se inspira na paisagem, nas histórias, nos corpos e nas memórias dos bairros de Aricanduva e Vila Matilde, na Zona Les-

te paulistana, e de Vila Maria, na Zona Norte. É o território do Pegge. “Agora moro sozinho, aluguei um apartamento – e ajudo minha mãe. O que paga as contas é minha arte!” No cômodo que reservou para o ateliê, segue um rito diário, à base de café e música, para dar forma e cor aos retratos. “Minha mãe me mostrava mui-

ta música quando eu era pequeno, eu ia desenhando os artistas que ela gostava – os Beatles, os caras do blues...”

Nas redes sociais, Pegge se apresenta como “o menino prodígio criado sem pai”. O marido de Sandra Margarete faleceu quando o caçula tinha 3 anos. “Minha mãe foi a primeira curadora, ela é minha religião, mi-

“Minha mãe é minha religião, minha conexão. Se me manda tomar banho com ervas, eu tomo. Sigo o que ela diz”



O aprimoramento das técnicas não tirou a essência: “Pinto muito por cima de tela. Eu repinto!”

nha conexão. Se me manda tomar banho com ervas, eu tomo. Sigo o que ela diz.” Leonino com ascendente em leão, faz questão de reforçar a importância dos cuidados femininos em sua vida, um círculo de afeto que inclui ainda a avó e a irmã. “Minha mãe era sacoleira, depois abriu uma lojinha na Vila Maria. Ali ela organizou um canto com mesa, papel e lápis para os filhos das clientes, e eu passava horas desenhando. Eu era muito criativo, pegava um pano e fazia uma caverna.”

TEMPOS SOMBRIOS

Pegge guarda poucas lembranças do pai. “Ele tinha um olho de vidro, acho que a mesma doença que eu, ceratocone, e não havia tratamento na época.” Foi a mãe quem notou algo estranho com o menino, ele forçando muito a vista para assistir à TV. “Eu chegava tarde em casa porque pegava ônibus errado.” A ceratocone é uma doença hereditária que atinge 2% da população, comum entre crianças e pré-adolescentes. “Deixa a córnea toda para a frente, em formato de cone, aí distorce a visão e pode até cegar”, ele explica. “Quando eu descobri, já estava em estágio avançado, só restavam 5% da visão do olho direito.” Vieram os transplantes das córneas, primeiro a do olho direito, depois a do outro – e com a possibilidade de rejeição do organismo. Foram meses faltando no colégio, dentro de casa, sem poder ver a luz do dia. “Tempos sombrios”, lembra ele.

Na certidão, é Pedro Geraldo de Souza. Foi garçom, padeiro, tocou violão na rua, vendeu camisetas estampadas com seus desenhos. Em 2017, conheceu uma ocupação cultural, se aproximou de poetas, slammers, grafiteiros e outros agentes da cultura periférica. “Comecei a trocar ideias, a desenhar mais, me aprimorar.” Depois de muita canetinha, canetão e lápis, decidiu pintar uma tela. “Fiz com tinta guache e o pincel de maquiagem da minha irmã, postei no Instagram.

Uma pessoa ficou interessada, vendi por 50 reais. Com o dinheiro, comprei mais duas telas, comprei tinta... aí vendia uma, repintava outra.” Repintava? “Pinto muito por cima de tela. Eu repinto!”

PARA ALÉM DO ESTEREÓTIPO

Os retratos de Pegge contam histórias, reconstituem famílias, reorganizam o olhar e os afetos em torno de vidas negras. “Queria que as telas fossem espelhos para pessoas que eu quero que se vejam nas obras. Quando coloco um autorretrato, sei com quem eu pareço e a história de quem quero contar. É importante humanizar homens pretos. Para muitos, a gente é só estatística, só mais um. E acho que quando a gente humaniza, quando coloca sentimentos, propósitos, vai além do preconceito, do estereótipo. É importante retratar isso num meio tão elitista, que é o das artes plásticas. Colocar corpos pretos lá, na galeria, é uma forma de humanizar essas vidas. Não são pessoas que já morreram, que foram assassinadas. São pessoas que você pode ver na rua. Eu os coloco chorando, amando, tendo uma vitória com a família. São retratos de humanos. Eu quero humanizar essas pessoas que são assassinadas todos os dias.”

ÁGUA FRESCA

A primeira exposição veio em 2018. Aí não parou mais. “Estou numa galeria importante, já tive trabalhos expostos em Nova York e na Alemanha, agora vai ter um em Londres.” À vontade com óleo e tela – “Hoje tenho a técnica que sempre quis ter” –, Pegge cita a influência de outros artistas negros, em especial Rubem Valentim (1922-1991), Jean-Michel Basquiat (1960-1988) e Rosana Paulino. E diz que a dor e a tristeza pelas quais passou ajudaram a formar o artista. “Nasceu alguma planta, alguma flor... Eu nunca tinha sentido essa água, sabe? Eu deixei florescerem as coisas.” ■

Repensando as plataformas

Especialista em cooperativismo de plataforma e da proteção de dados pessoais, Rafael Zanatta fala sobre a transformação da sociedade por meio da tecnologia e alerta para os riscos da centralização econômica

entrevista: Otávio Rodrigues

Ele nasceu no interior do Mato Grosso, foi criado no Paraná, teve uma infância pé no chão, tocou guitarra numa banda de rock durante a adolescência. Foi quando entrou na faculdade de Direito que percebeu algo fora da ordem. “Eu me sentia um peixe fora d’água, não acreditava nessa coisa compartimentalizada, de estudar só Direito.” Daí trancou a matrícula, pegou a mochila e foi para Londres lavar prato e entregar sanduíche, entre outras atividades que garante terem lhe trazido a tal da rica experiência. “Era um momento anterior à revolução dos smartphones, mas me deu boa noção de coisas grandes acontecendo.” De volta ao Brasil, focou os estudos na sociologia jurídica, partiu para um mestrado na Universidade de São Paulo e foi trabalhar na Fundação Getúlio Vargas como pesquisador, já envolvido com as discussões em torno dos direitos digitais num cenário de reinvenção econômica e de domínio de grandes plataformas, como Google, Uber, Airbnb, Facebook e Twitter. “Eu queria entender como a tecnologia passa por direitos fundamentais, comecei a acompanhar essas questões numa sociedade que se plataformiza e se datifica cada vez mais.” Diretor da Associação Data Privacy Brasil de Pesquisa, mestre pela Faculdade de Direito da USP, doutorando pelo Instituto de Energia e Ambiente da mesma instituição, mestre

em Direito e Economia pela Universidade de Turim, alumnus do Privacy and Policy Course da Universidade de Amsterdã e pesquisador da The New School, Nova York, Rafael Zanatta conversa com Cadernos Sesc de Cidadania a respeito desse mundo novo, repleto de oportunidades positivas, mas também de perigos insondáveis.

A tecnologia fortalece a cidadania?

A gente teve uma certa euforia, há uma década, com relação ao potencial da tecnologia, como se ela necessariamente nos levasse a mais democracia. Isso vinha um pouco na esteira da Primavera Árabe [em 2010 – saiba mais

“ As tecnologias podem se tornar opressivas se forem usadas em contextos autoritários ou em economias focadas na extração de dados pessoais ”

na linha do tempo que começa na página 10], das potencialidades do Facebook, do Twitter, do WhatsApp, da ideia de cada um poder gerar seu próprio conteúdo, numa sociedade de alta produção de conhecimento em massa e de uma esfera pública participativa, descentralizada, com a tecnologia levando a mais engajamento e cidadania. Mas essa longa lista se frustrou tremendamente.

Por quê?

Uma série de fatores. Alguns críticos dizem, desde o começo, que as tecnologias podem se tornar opressivas se forem usadas em contextos autoritários ou em economias focadas na extração de dados pessoais, em extrativismo digital, na construção de perfis que podem levar a processos discriminatórios. Por exemplo, pontuar as pessoas para determinar o que elas podem ou não fazer, colocá-las em categorias a partir de certas diferenças, tudo isso é o oposto de uma experiência de cidadania. Você tentar contestar e não conseguir, querer falar e não ser ouvido, esperar ser identificado como ser humano e ser tratado como coisa, como número, só um valor...

Parece ser essa a conduta das grandes corporações da internet, não?

Essas empresas se transformaram em impérios. Não são mais *start-ups*, são *big techs*. Elas não trouxeram uma descentralização econômica, como

“ A gente tem de desmistificar a existência de uma economia imaterial, essa ideia de computação em nuvem como algo etéreo, o virtual, a teoria do ciberespaço... Isso não existe ”

Foto Yasmin Victorino/Divulgação



Zanatta: “Pontuar as pessoas, colocá-las em categorias, tudo isso é o oposto de uma experiência de cidadania”

se achava, e assumiram um controle gigantesco sobre a vida cívica, sobre como a gente se comunica. Tecnologias que antes eram vistas como pró-democracia passaram a facilitar um processo de vigilância maior e até de repressão digital.

Maior oferta de trabalho é um ponto positivo?

Quando você pede no aplicativo, entende o que acontece por trás? Sabe das condições em que os entregadores trabalham? A pandemia trouxe isso à tona, a percepção de que todo mundo depende deles, a nobreza de se arrisarem. E como fica essa contradição? Algo tão essencial, tão nobre, mas o máximo de precarização. Na maioria das vezes, eles não têm qualquer tipo de contrato – e é surreal pensar numa relação de longo prazo sem um mínimo de pactuação. Não há uma estrutura de férias ou mesmo de reconhecer quando alguém está exausto e precisa de descanso. Não tem uma forma coletiva de negociar pagamentos ou de falar com outros sobre isso – você pode ser excluído se falar com outro parceiro, criar um grupo ou uma página sobre o assunto, entre outras coisas assim bizarras.

O ativismo digital vem trabalhando para acabar com isso?

É mais pela concepção de um conjunto de garantias para o mínimo de dignidade desses trabalhadores. Há uma grande tendência para abertura de novos mercados de trabalho centrados nesse tipo de informação que as pessoas vão pegar em rede – plataformas de microtarefas, por exemplo, aplicação de micro surveys [pesquisas] ou coleta de informações em certas cidades. As pessoas são “gamificadas” para fazer. Esse tipo de trabalho é ilegal? Não tem como dizer isso. Pode discutir a dignidade desse arranjo de trabalho? Com certeza. A própria Organização Mundial do Trabalho está caminhando nesse sentido.

Como territórios e comunidades podem atuar nesse cenário?

Tudo isso abre novas possibilidades, não só de auto-organização e de resposta na luta por direitos nesses ambientes como também auto-organização econômica e uma porção de outros arranjos, outras plataformas, outras alternativas. Coletivos de fotógrafos e artistas podem constituir plataformas para vender suas matérias, suas fotos. Entregadores de sanduíches podem se organizar em outras experiências menores e autogeridas, com maior participação. É todo um universo, múltiplos modelos de economia de mercado para plataformas, um movimento de renovação. Há empresas que estão surgindo agora, como AppJusto [promete melhor remuneração ao entregador e ao restaurante, entre ou-

tras vantagens]. Modelos que trazem também a iniciativa de pensar menor, o *think small*, talvez buscar a cooperativa de entregadores do seu bairro ou grupos como o Señoritas Courier, que tem ligação com a causa identitária LGBTQ+. Essas plataformas menores, locais, viram alternativa, uma resistência. Acho que a gente deveria investir mais nisso, nessa experimentação.

Você tem contato com esses coletivos de plataforma?

Sim, alguns com mais proximidade. Trabalhei com o Cataki, criado pelo Mundano, artista de grafite de São Paulo. Ele começou fazendo arte e reforma nas carroças, dando visibilidade e voz aos catadores e, depois, os organizou por meio de um aplicativo. O Cataki é um modelo econômico de múltiplos lados. Junta a pessoa que produz o lixo na sua casa ou empresa com os catadores, que transportam os resíduos sólidos até os pontos de venda, para reciclagem. É uma cooperativa formal, mas traz como princípio a democracia econômica, tem a cultura de valorizar o trabalho. Os catadores participam de assembleias, votam por WhatsApp.

O Brasil tem vocação para o cooperativismo de plataforma?

Há processos estruturais mais profundos. Se a gente não resolver essa questão estrutural do endividamento das famílias e da precarização geral do Brasil, não tem como impulsionar uma economia de cooperativas de plataformas. Os monopolistas desse mercado têm estratégias agressivas, beneficiam-se com efeitos em rede, de escalabilidade. Eles operam dentro desse fenômeno *winner takes all* [“o vencedor leva tudo”, a respeito de como ocorre a rápida concentração de poder dessas empresas], viram dominantes no mercado, conseguem grandes investimentos e até baratear o seu preço de consumo, explorando o seu marketing pessoal

“Essas plataformas menores, locais, viram alternativa, uma resistência. Acho que a gente deveria investir mais nisso, nessa experimentação”



Para o especialista, a economia do futuro vem sendo construída: “Estamos tateando as coisas”

“ Se a gente não resolver essa questão estrutural do endividamento das famílias e da precarização geral do Brasil, não tem como impulsionar uma economia de cooperativas de plataformas ”

– porque explorados em larga escala, seus dados viram um abatimento no preço. Cooperativa pequena não faz isso. O Cataki não vai explorar economicamente seus dados, entende?

Qual o impacto de toda essa transformação sobre o meio ambiente?

A gente tem de desmistificar a existência de uma economia imaterial, essa ideia de computação em nuvem como algo etéreo, o virtual, a teoria do ciberespaço... Isso não existe. Há sempre uma estrutura acoplada e uma dimensão de recursos materiais, escassos e explorados numa velocidade brutal. A revolução dos smartphones levou, por exemplo, a uma exploração inédita de lítios de íon, que são produzidos na Bolívia e em partes da América do Sul, o que provoca conflitos gigantes no controle das áreas de extração. E o extrativismo não é sustentável, muitos trabalhadores são pessoas em regime análogo à escravidão, fazendo extração do minério que serve de sustentação à bateria de nossos smartphones – sem falar em outros componentes. As pessoas precisavam enxergar isso, e também as lideranças políticas, que criam as regras do jogo.

É possível saber o que temos pela frente?

Acho que está sendo construído. No meu campo, no ativismo dos direitos digitais, vejo que, felizmente, caiu a ficha – temos nos perguntado: O que estamos falando? O que estamos fazendo? Porque tem toda uma dimensão que a gente não está olhando, como essa conexão da emergência climática com o modelo de estruturação econômica e digital, e também quais violações de direitos e que tipo de exploração de recursos estão acoplados a certas tecnologias. Acho que essa é uma agenda para duas décadas, está só no começo. Estamos tateando as coisas, com uma lanterna num gigante quarto escuro. ■

As respostas da terra, das trocas e das redes

Saberes e conhecimentos ancestrais combinados às tecnologias de ponta impulsionam a construção da autonomia nos territórios periféricos e comunidades tradicionais

texto: Maitê Freitas e Vanessa Cancian
colaboração: Agnis Freitas
fotos: Dani Sandrini

Há algo de novo e de diferente acontecendo em lugares que as ações do poder público não alcançam. É um pedaço de terra, um terreiro, um canto no morro ou na favela, é uma aldeia, é um quilombo, é um bairro distante. Nesses territórios onde a luta por moradia, educação, saúde e vida digna faz parte da rotina, movimentos organizados vêm promovendo uma revolução social, econômica e criativa. Com iniciativas das pessoas e para as pessoas, valendo-se de antigos conhecimentos e recorrendo a agroecologia, permacultura e bioconstrução, comunidades nos meios rural e urbano estão conquistando autonomia, colhendo benefícios em soberania alimentar, saúde e geração de renda.

“A história das periferias é permeada de soluções encontradas pelas suas populações para superar as dificulda-

des diante das precariedades impostas e para melhorar as condições de vida”, afirma o cientista social Tiaraju Pablo D’Andrea, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/Campus Zona Leste) e coordenador do Centro de Estudos Periféricos, vinculado à mesma instituição. “As mães crecheiras que cuidavam das crianças da vizinhança, as casas autoconstruídas em mutirão (que é uma palavra indígena), as hortas comunitárias, os saberes das mães velhas com plantas e alimentação, as apropriações de terrenos baldios para locais de lazer pela molecada... Dá para listar inúmeros exemplos.” Uma das razões, segundo ele, é que nesses territórios se encontram vários Nordeste, muitas Áfricas, diversas nações indígenas, gente com uma experiência de classe muito vigorosa, no trabalho e na vida social. “Historicamente, as periferias são compostas de pessoas que vieram de muitos



BIOCONSTRUÇÃO O PODER DA MASSA

O Coletivo I417 trabalha duro no resgate e difusão das técnicas de construção sustentável e na formação de multiplicadores. As oficinas realizadas no projeto Territórios do Comum estão disponíveis em [youtube.com/sescosasco](https://www.youtube.com/sescosasco). Veja também a programação Bioconstruindo na Quebrada em [youtube.com/sescararaquara](https://www.youtube.com/sescararaquara)



A oficinaira Taís Cabral preenche com massa de adobe a tela de galinheiro da futura parede enquanto Ricardo Benitez pisa a mistura

lugares, com repertórios culturais distintos, se encontraram em um espaço pobre e precarizado e trocaram informações e formas de sobrevivência. Podemos afirmar que as periferias são os locais da invenção e da reinvenção.”

AULA DE GESTÃO DE CRISE

O mergulho no próprio território, repleto de possibilidades, tem ajudado populações invisíveis a resistirem diante da falta de políticas públicas em todos os setores. Reinventar, ressignificar, olhar para as raízes, encontrar soluções e tecnologias estratégicas, tudo isso vem garantindo não apenas a sobrevivência como também o empoderamento dessas pessoas. A pandemia, por óbvio, deixou tudo mais complexo. “Se a situação nas periferias já era difícil, com a pandemia os desafios se tornaram ainda maiores”, diz o professor Tiaraju Pablo D’Andrea. “A morte e a fome batem à porta cotidianamente. Há um luto coletivo sendo realizado enquanto os preços dos alimentos sobem às alturas. Diante de tudo isso, foi ativada uma memória de solidariedade que nenhum contexto neoliberal pode apagar.”

E ele vê aí uma oportunidade para o restante da sociedade conhecer e aprender, já que a situação colocou uma lente de aumento no dia a dia das comunidades periféricas, espaços em que a presença do Estado é fraca, faltam recursos financeiros, sobram violências, mas onde a resposta às crises é surpreendente. “O que vimos foi uma gigantesca mobilização articulada por coletivos culturais, grupos de samba, times de futebol de várzea, pequenos comerciantes, movimento negro, movimento sem terra, movimento sem teto, igrejas católicas e evangélicas, casas de candomblé, centros espíritas e de umbanda, dentre outros. Se não fosse isso e a existência do SUS (que também foi fruto de mobilizações no passado), o resultado da pandemia seria ainda mais catastrófico”, afirma o professor Tiaraju.



A pernambucana Sebastiana de Farias é a precursora da horta coletiva que, hoje, leva o nome dela



AGRICULTURA URBANA PLANTANDO, TUDO DÁ

A Horta da Sebastiana, que aproveita um terreno ocupado por linhas de transmissão em São Mateus, é uma das 14 que formam a Associação de Agricultores da Zona Leste. O grupo compartilha conhecimentos técnicos, promove parcerias e participação em feiras e mostras agroecológicas. Mais em [youtube.com/sescitaquera](https://www.youtube.com/sescitaquera)



Implementação de um biodigestor numa cooperativa de catadores seletivos na Zona Sul de São Paulo – a Cooperpac: todo mundo participa



TECNOLOGIA SOLUÇÕES MAIS LIMPAS

Fábio Miranda é pesquisador, cofundador do Instituto Favela da Paz, vive envolvido em projetos com tecnologias sustentáveis – como a construção de biodigestores de baixo custo, que podem produzir gás de cozinha a partir de resíduos orgânicos. Sua apresentação no projeto Territórios do Comum está disponível em [youtube.com/sescinterlagos](https://www.youtube.com/sescinterlagos)

A despeito da adaptabilidade e da resiliência, seguir no rumo da emancipação e da autonomia torna essencial uma boa organização financeira. “A exclusão econômica ainda é um fator crítico em muitas comunidades, então a educação financeira vem com o poder de promover um letramento econômico e assim instrumentalizar essas lutas”, afirma a economista Gabriela Chaves, mestra em Economia Política Mundial, fundadora e CEO da NoFront Empoderamento Financeiro. “Podemos dizer que a educação financeira pode resultar na articulação de novos modelos de economia e relação com o dinheiro, porque traz protagonismo a pessoas que, historicamente, foram excluídas desse universo. Quando mulheres, negros e pessoas LGBT se apropriam das ferramentas de organização financeira, se tornam capazes de escrever novas narrativas, não só para si, mas também para suas comunidades.”

UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

Para os povos Guarani Mbya das aldeias Tenondé Porã e Kali Pety, da Zona Sul de São Paulo, a retomada da terra significou também o resgate de práticas agrícolas sagradas, que promovem a cultura tradicional e, ao mesmo tempo, garantem a segurança alimentar. “Um dos objetivos da luta pela demarcação sempre foi o de fortalecer a cultura Guarani nesse aspecto da agricultura”, diz Jerá Guarani, liderança da aldeia. “Havia muitas pessoas com problemas de diabetes, pressão alta, morrendo de doenças como câncer, e os mais velhos relacionavam isso com o tipo de alimentação que a gente tinha nessas aldeias, com o fato de consumirmos comidas transgênicas. O povo Guarani Mbya sempre foi de agricultura, é um conhecimento milenar e, por falta de terra, estávamos sem praticar nosso modo de plantar fazia muitos anos.”

Segundo Jerá, as comunidades estavam em um território pequeno demais, que não possibilitava o plantio

AGROECOLOGIA O EQUILÍBRIO SAUDÁVEL

Pequenos agricultores do Oeste paulista vêm produzindo verduras, legumes, frutas e leite de qualidade, tudo em consórcio com a floresta. Suas experiências são contadas na Feira Agroecológica Virtual, na programação do Territórios do Comum, disponível em youtube.com/sescbirigui

Foto Rafael Negs



Rodrigo Oliveira Martins, da Puro Prana, em Barbosa (SP): agricultura sem venenos e respeitando os processos naturais

dos alimentos fundamentais. “Não se tinha mais milho, mandioca, batata-doce... Algumas poucas famílias tinham, mas ficavam nessa realidade triste de plantar e replantar sem poder dividir.” A luta por um território maior culminou em 2016, com o reconhecimento da posse permanente e usufruto dos 15.969 hectares da terra indígena, o que permitiu um trabalho estratégico para retomada das práticas da agricultura ancestral ensinada pelos xeramõis (os mais velhos), tida como ponto central da cultura guarani. Com

organização, bons projetos e apoio de editais, sementes e alimentos de qualidade voltaram a vicejar no solo indígena. “Foram muitas viagens para coleta de nossas sementes, participando de feiras de trocas e recebendo muitas pessoas não-indígenas, também, que saem por aí pegando e trocando sementes”, conta Jerá. “Em um desses momentos, apareceram a batata-roxa e o amendoim-preto, que os guaranis não viam fazia muitos anos. Passamos a ter variedade de feijões, de abóboras e muito mais!”

Para as 14 aldeias que compõem esse território, a reconquista da soberania alimentar está associada a outra prática milenar: equilíbrio com a natureza. “Temos como objetivo fortalecer e resgatar a prática da agricultura guarani, ou seja, dentro da concepção do suficiente, sem degradar ou devastar a mata densa, sem fazer queimada, sem destruir os recursos naturais. É plantar respeitando a natureza, pensando na sustentabilidade da comunidade. De modo geral estamos felizes, porque de um território que

SUSTENTABILIDADE PELA DEFESA DAS ÁGUAS

Localizadas no bioma Mata Atlântica, comunidades de Santos, Peruíbe, Mongaguá, Cubatão, Guarujá e Bertioga lutam juntas por água potável e saneamento básico. Assista ao webdoc *Sobre Água* e à roda de conversa sobre o tema em [youtube.com/sescemsantos](https://www.youtube.com/sescemsantos)



Foto de Tiago Rodrigues, morador de Cubatão, incluída na mostra virtual *Morar na Maré*, uma das ações educativas na Baixada Santista

não tinha nada, tiramos uma história para contar a respeito do quanto podemos.” Jerá conta ainda que, nesse processo, tem sido possível compartilhar muitas experiências com outras aldeias e agricultores ecológicos em outros municípios e estados. “Tudo isso traz uma alegria, além do sentimento de que estamos conseguindo concretizar nossos desejos, fazer com que os jovens conheçam a prática da agricultura tradicional guarani, que é aquela que alimenta seu corpo e seu espírito.”

TUDO SE APROVEITA

Boa parte desses saberes e conhecimentos ajuda a compor a agroecologia, prática que respeita a natureza e seus ciclos, não pratica monocultura, não usa grãos geneticamente modificados, nada de fertilizantes químicos e agrotóxicos, e, para além da produção sustentável de um alimento de qualidade, busca equilíbrio também nos aspectos econômico e social. Ou seja, caminha em sentido contrário ao do agronegócio convencional. “É a agricultura a partir do encontro dos ecossistemas,

conectando a agricultura na natureza e na sociedade”, explica o agrônomo Paulo Petersen, do núcleo executivo da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). Segundo ele, hoje as pessoas se alimentam do que é imposto. “É preciso entender que saúde não é só ausência de doença, mas um estado pleno individual e coletivo. Nesse sentido, a agroecologia é uma estratégia de promoção da saúde com enfoque ecossistêmico.”

Na construção de formas mais inteligentes de intervenção nos territó-

rios rurais e urbanos, a permacultura tem sido outra ferramenta importante, pois traz novos olhares e amplia o princípio agroecológico. Foram dois australianos que, na década de 1970, desenvolveram esse sistema integrado de plantio e criação de animais, visando máxima eficiência e total aproveitamento de recursos – como os de água da chuva, galhos secos, restos de comida e mesmo dejetos humanos, materiais que acabam virando adubo e reentrando no processo. A palavra permacultura vem da ideia de uma “agricultura permanente”, ou seja, que não exaure a terra e mantém o ecossistema como fiel e perene provedor. Sérgio Pamplona, bioarquiteto e permacultor, resume tudo. “É um sistema de planejamento sistêmico para uma ocupação territorial e um modo de vida regenerativo e sustentável. De modo um pouco mais estendido, é um conjunto de ferramentas conceituais e práticas para a construção de uma cultura de permanência em um determinado ambiente. Isso implica regenerar seus ecossistemas e ser sustentável por gerações indefinidas dentro daqueles limites ecológicos.”

Mas para quem a permacultura chega? Como democratizar o acesso a esse sistema que, conforme Pamplona, foi feito para ser para todos? “Ainda parece meio inacessível, porque não tem apoio público para chegar às populações que mais precisam e que mais poderiam ser beneficiadas. Então, os permacultores mais experientes têm de cobrar para dar curso. Muitos oferecem bolsas de estudo solidárias para agricultores ou pessoas de baixa renda, mas não é suficiente para sua popularização. Levar esse modo de pensar e esse conjunto de técnicas tão potente para a maior quantidade possível de pessoas deveria ser política pública.” Os propósitos social e cultural da permacultura a colocam naturalmente ao lado de pequenos agricultores e povos tradicionais em suas reivindicações – e certas con-



quistas podem ser aproveitadas até o caroço. “O acesso à moradia anda junto com o acesso à terra. E essa é uma questão histórica, exemplo de grande injustiça em nosso país. Muitos permacultores se juntam aos povos na luta por território, algo urgente, necessário, central, que pode ajudar a revalorizar conhecimentos locais e ancestrais e a integrá-los com técnicas e conhecimentos científicos de ponta.”

A MORADIA SUSTENTÁVEL

Outra aliada com potencial nesses territórios é a bioconstrução, um conjunto de técnicas para moradias sus-

tentáveis que, entre outras soluções, utiliza ferramentas e matérias-primas acessíveis no próprio entorno. “A bioconstrução é um processo que alia conhecimentos milenares de construção com tecnologias atuais, tendo como premissa causar o menor impacto ambiental possível, do planejamento à ocupação”, explica Babi Silva, arquiteta e bioconstrutora. “Prioriza-se o uso de materiais e mão de obra locais, além da adoção de arquitetura harmônica com o clima de cada região.” Na medida em que incorpora tecnologias dos povos originários e comunidades tradicionais, a bioarquitetura



Música, esporte e agroecologia se misturam em encontros que agregam toda a comunidade

PARTICIPAÇÃO BEM-ESTAR PARA TODOS

No bairro da Pauliceia, em Piracicaba, artistas do hip hop e atletas do basquete somam esforços em torno de uma horta comunitária, entre outras iniciativas que miram a qualidade de vida da população. Mais em youtube.com/sescpiracicaba

surge também como resposta ideológica à arquitetura convencional e padronizada – que, conforme Babi, além de insustentável, é incapaz de sanar o déficit habitacional e de infraestrutura. “Até 30% dos gases CO₂ emitidos na atmosfera estão relacionados à indústria da construção civil. Cerca de 51% a 70% dos resíduos sólidos urbanos coletados são oriundos da construção civil. Ou seja, é preciso pensar em alternativas que visem o acesso à informação e à capacitação de mão de obra para quem realmente precisa, tendo a bioconstrução aliada a outras premissas importantes, como sanea-

mento ecológico, agroecologia e educação ambiental, assim como programas que considerem aspectos sociais, culturais e econômicos.”

Babi Silva, que tem uma história de vida dedicada ao estudo dessas técnicas, acredita que o tempo vai torná-las mais e mais populares. “Com a chegada da permacultura no Brasil, em 1992, começou a crescer a demanda por edificações bioconstruídas. A questão é que, com os altos valores dos cursos de formação, mais os problemas de deslocamento e a necessidade de dedicação integral às vivências teóricas e práticas, o custo

acabava ficando elevado. Ou seja, a bioconstrução passou a ser mais difundida entre a classe média, ficou marcada como um movimento elitizado e branco”, afirma a especialista. Nos anos mais recentes, com maior número de centros de capacitação e de profissionais especializados, o cenário vem mudando positivamente, mas ainda faltam passos para democratizar esses conhecimentos. “Mas é importante dizer que, ao propor moradias em bioconstrução, mais do que apenas pensar no custo, estamos falando de uma construção saudável, ecoeficiente e de qualidade.” ■

DE OLHO NO ESSENCIAL

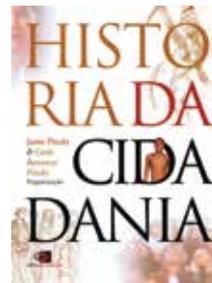
Da cultura tradicional ao futuro da internet, algumas leituras que inspiraram esta edição – e podem inspirar você também



PROVOCANDO COM HISTÓRIAS

O jovem Ailton Krenak não estava brincando quando pintou o rosto com a tinta preta do jenipapo durante seu histórico discurso na tribuna da Assembleia Nacional Constituinte, em 1987. Líder indígena, ambientalista, jornalista e escritor, ele segue denunciando o atraso nas políticas públicas focadas nos povos e populações indígenas,

chamando a atenção para o descaso com o meio ambiente, mas também para condutas que podem levar a civilização ao abismo – como a intolerância. *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (Companhia das Letras, 2019) é uma adaptação de duas conferências e uma entrevista realizadas em Portugal entre 2017 e 2019. “Minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história.”



MANUAL DO CIDADÃO

Filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos, geógrafos, um advogado e até um escritor: todos têm muito a dizer sobre cidadania – o que é, onde e como surgiu, de que maneira influencia nossos modos de viver. Organizada pelos historiadores Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, a coletânea *História da Cidadania* (Editora Contexto, 2003) é obra referencial, conta como a longa luta por direitos começou, quais as conquistas e perdas ao longo do tempo e onde se dá essa discussão nos dias de hoje, com especial atenção ao caso brasileiro.

PORTAS ABERTAS

Economista, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), autor e coautor de mais de 40 livros, Ladislau Dowbor leva a sério a ideia de compartilhar conhecimentos. Em seu site oficial é possível ler artigos, conhecer pesquisas e até baixar livros completos, entre outras regalias. “É uma biblioteca científica online destinada aos que se interessam por uma visão progressista e renovadora sobre o desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental”, define o professor. Confira: dowbor.org



RETRATO DO AQUI E AGORA

Se um ser pensante provoca muita gente, imagine o que 130 cabeças podem fazer. Na coletânea de textos *Pandemia Crítica* (Edições Sesc, 2021), ampla o bastante para merecer edição em dois volumes, os desafios da covid-19 servem como pano de fundo para reflexões, análises, previsões, angústias, afetos, ideias e sensações que marcam o tempo presente no Brasil e em todo o mundo. Com olhares diversos, a obra toma o fenômeno sanitário como oportunidade para uma compreensão mais profunda do ser humano, captando um instante de nossa civilização no calor dos acontecimentos. Para ler, pensar e guardar.

PREVENÇÃO NAS ALDEIAS

Produzida por alunos, professores e lideranças guarani e kaiowá, com apoio de biólogos e especialistas, *Teko Joja – Cartilha Covid-19* (Editora Imagem da Vida, 2021) explica na língua guarani o contexto da pandemia e os perigos da doença, num esforço para conscientizar esses povos e estimulá-los à vacinação. Entre as instituições que apoiam iniciativas desse tipo está a Faculdade Intercultural Indígena (Faind), da Universidade Federal da Grande Dourados (MS), que disponibiliza livros didáticos e cartilhas para download: <https://portal.ufgd.edu.br/faculdade/faind/publicacoes>

Fotos Reprodução



O NOME DAS COISAS

O *Dicionário Internacional da Outra Economia* (Edições Almedina, 2009), organizado por Antonio David Cattani, Jean-Louis Laville, Luiz Inácio Gaiger e Pedro Hespanha, reúne verbetes associados a uma economia alternativa, de valores e princípios que se opõem às práticas excludentes social e ambientalmente predatórias típicas do capitalismo. Mais que breve explicação de conceitos, a obra traz ensaios de fôlego sobre cada termo, com a assinatura de autores de três continentes e dados bibliográficos. Para quem quer entrar de cabeça no admirável século XXI. PDF disponível em <https://financassolidarias.files.wordpress.com/2012/09/dicionario-internacional-da-outra-economia.pdf>



MERGULHADOR DE PLATAFORMA

Trebzor Scholz é professor associado da The New School, em Nova York, onde dirige o Instituto de Economia e Cooperativa Digital. Pensador e ativista de postura crítica a valores que hoje conduzem a economia e as relações de trabalho, é tido como guru de muitos que trabalham por uma internet mais democrática – entre eles, Rafael Zanatta, nosso entrevistado na página 24. O livro *Cooperativismo de Plataforma: Contestando a Economia do Compartilhamento Corporativa* (Editora Elefante, 2017) compila as ideias surgidas durante uma conferência com mais de mil participantes, derruba mitos sobre o mundo digital e traz propostas para a construção de um novo modelo de economia online, buscando alternativas mais cidadãs e até vislumbrando alguma esperança. Com a edição física esgotada, a editora mantém versão disponível em PDF: <https://elefanteeditora.com.br/produto/cooperativismo-de-plataforma/>



O SABER EM NOSSAS MÃOS

Imagine se, estudando química, pudéssemos manipular uma representação aumentada da estrutura de uma molécula orgânica, em vez de apenas observar seu desenho no quadro-negro ou numa apresentação de slides. Interessante a qualquer um, esse modelo orgânico de aprendizado se mostra ainda mais precioso entre alunos com deficiência visual, para quem o tato é um sentido mais que importante. No livro *O Mundo em 3D: Produção de Recursos Pedagógicos Inclusivos* (Editora Encontrografia, 2021), Renato Frosch mostra os resultados que se obtêm com materiais termoplásticos ou bioplásticos e essas admiráveis impressoras 3D. Engenheiro civil, professor do Centro Universitário São Judas Tadeu, Campus Unimonte, em Santos, Frosch é hoje um dos entusiasmados da emergente “cultura maker”, baseada nessa tecnologia de impressão, e defende a implantação de laboratórios do tipo em todas as universidades.

EM COMUM, O TERRITÓRIO

As dificuldades são muitas, mas, ao arregaçar as mangas e reinventar o território, a população se fortalece

texto: Tiaraju D'Andrea e Luzinete Borges

PROJETAR O FUTURO É COMPREENDER O PASSADO. OLHAR PARA TRÁS É entender o caminho que nos trouxe até aqui, e pra onde queremos ir. Neste momento, a humanidade acumula crises. A pandemia da covid-19 expôs a maneira cruel como estamos tratando o planeta. Ela é fruto de um modo de produção econômica que se baseia na extração ilimitada dos recursos naturais. As doenças se espalham na mesma medida em que a pobreza aumenta. Nesse acúmulo de crises, é urgente um novo jeito de caminhar: desacelerar do que nos consome, redistribuir para que todos usufruam, desacumular do que não faz sentido, refazer o tecido da vida. Um outro mundo é possível – e necessário.

Aos poucos, esse novo mundo vem sendo edificado. São os povos da floresta nos ensinando pactos com o meio ambiente, são os quilombolas nos mostrando a importância da ancestralidade, são os pequenos agricultores cuidando da terra. Aqui nas periferias urbanas, estamos olhando o mundo. Irmãs e irmãos de outras paragens nos inspiram. A experiência de nossas mães e pais nos impregna. Somos mutirantes do porvir, somos plantadores do amanhã que virá. É no território onde os sonhos se encontram. Atuar no território é de suma importância. Fortalecer os vínculos afetivos e solidificar as relações propõe formas que venham a romper com o individualismo reinante. Para que competir se podemos cooperar?

Do Grajaú a Itaquera, do Rio Pequeno a Brasilândia, de Mogi das Cruzes a Itapevi, milhares de seres de luz fundam

e experimentam: são as hortas comunitárias plantando sem agrotóxicos e saciando a fome nas favelas; são os coletivos artísticos colorindo de canções as ruas da quebrada; são as trocas comunitárias costurando novas economias; são os cursinhos populares tecendo sabedoria. As dificuldades são muitas. A precariedade é grande. Mas, ao arregaçar as mangas e reinventar o território, a população se fortalece.

Por aqui, as linguagens de intervenção são múltiplas e no diálogo construímos diferentes formas de superação. Do lado de cá “das pontes” ninguém dormiu. Ao contrário: lançamos luz e reescrevemos o passado, que teimam em escrever sem contradições e apagando a intervenção das trabalhadoras e dos trabalhadores. Construímos experiência de educação popular e imprimimos nossa existência na música, na poesia, no barro, na dança.

O sinal da internet oscila, mas nossa comunicação não! Ela ecoa e se fortalece. O debate se faz em roda e criamos estratégias singulares. Contudo, há um limite evidente, que só pode ser superado pela intervenção do Estado. Entender a conjuntura local e construir um projeto de sociedade é fundamental. O micro e o macro devem ser pensados juntos. A natureza não reconhece os limites geográficos e a preservação da vida depende de ações em todas as paisagens. Nesse território comum chamado terra, trabalhamos para e exigimos justiça ambiental, justiça social, justiça racial, justiça econômica!

Axé. ▣

Tiaraju D'Andrea

é cientista social, professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/Campus Zona Leste) e coordenador do Centro de Estudos Periféricos (CEP).

Luzinete Borges

é assistente social especialista em Habitação de Interesse Social e participação popular, faz parte do CEP.

**Consumo responsável,
resíduos e sustentabilidade:
sua atitude é transformadora!**



Saiba mais em:
[sescsp.org.br/projetos/
lixo-menos-e-mais/](http://sescsp.org.br/projetos/lixo-menos-e-mais/)

Conheça a rede de Bibliotecas do Sesc São Paulo

A rede de bibliotecas do Sesc São Paulo disponibiliza livros, jornais e revistas em espaços de convivência e promove diálogos entre leitores de todas as idades e o universo dos livros e da literatura.

Recursos de acessibilidade

Scanner de voz, linha braile, ampliador de caracteres e imagens, disponíveis nas Unidades: 24 de Maio, Belenzinho, Birigui, Bom Retiro, Carmo, Centro de Pesquisa e Formação, Jundiaí, Santo Amaro, Santo André, Santos, Sorocaba, Avenida Paulista e Guarulhos.

Saiba mais em
sescsp.org.br/bibliotecas

ISSN 2177-3696



9 772177 369006

18 >



AUDIODESCRIÇÃO DA REVISTA DO SESC CADERNOS SESC DE CIDADANIA

Este é um arquivo PDF acessível com audiodescrição, para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso ao conteúdo e às informações contidas em cada imagem. É possível fazer a leitura do texto e das imagens. Para isso, todas as imagens foram audiodescritas e as descrições embutidas em código, permitindo sua identificação pelos softwares leitores de tela usados por este público. Inserimos a audiodescrição no final do livro para que leitores interessados na audiodescrição de imagens possam conferir o trabalho, identificado pelas páginas.

AUDIODESCRIÇÃO: VER COM PALAVRAS.

Audiodescrição das imagens: Fátima Angelo, Lívia Motta e Wagner Caruso.

Revisão: Lívia Motta.

Consultoria: Cristiana Cerchiari.

Formatação PDF acessível: Wagner Caruso.

Consultoria em acessibilidade: Laercio Sant'Anna.

CAPA

AUDIODESCRIÇÃO: A capa da publicação Cadernos SESC de Cidadania é ilustrada por um recorte da obra do artista Pegge, intitulada *Amor*, um óleo sobre lenzo, tipo de tela de linho, de 2019, medindo 120 por 80 cm. A obra com fundo em tons claros de azul, mostra duas pessoas de costas, de mãos dadas, dos joelhos para cima. A primeira, da esquerda para direita, é um homem negro, de cabelos raspados, que usa camisa cor de laranja de mangas longas e calça azul escura. A segunda é a metade de uma silhueta em tons manchados de azul e verde, iluminada por pinceladas de tinta branca e com as iniciais LUV sobre o peito. Na capa, as figuras aparecem do peito até as coxas. O título: Cadernos Sesc de Cidadania, escrito com letras brancas com a palavra SESC em preto, está no topo da capa sobre faixa retangular vermelha. No canto superior direito da faixa vermelha, está escrito Ano 12, Número 18. Abaixo da faixa vermelha, uma faixa retangular fina azul petróleo e sobre ela o subtítulo: Territórios do Comum, 2021 escrito com letras brancas. No canto inferior direito, a logomarca branca do SESC 75 anos e no canto inferior esquerdo, o site: sescsp.org.br

PÁGINAS 2.

AUDIODESCRIÇÃO: A página com texto escrito em branco é ilustrada por desenho colorido da Reserva Natural SESC Bertioga com vegetação abundante com diversas espécies de plantas, folhagens, arbustos e flores. Na parte superior do desenho, uma aranha rosada está no meio de uma grande teia branca, tecida entre folhas de palmeiras. No alto do tronco de uma das palmeiras, à direita, um sapo esverdeado, logo abaixo um pássaro azul e amarelo, e uma borboleta azul

com asas enfeitadas de branco e preto. No canto inferior direito, uma bromélia, planta com folhas verde escuras pontudas e uma flor vermelha com muitas pétalas dentro de um cesto trançado. Mais flores rosadas estão na base da palmeira, e um lagarto teiú, espécie de réptil comum na região, com cabeça pontuda, pele escamada e grande cauda. No canto inferior esquerdo, um muro e uma parte de uma torre que lembra uma construção antiga.

PÁGINA 4.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de um grupo de pessoas com agasalhos e mochilas nas costas, reunidas na Praça João Mendes, no centro de São Paulo, com árvores frondosas, outras mais ressequidas, sem folhas, em dia de sol.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida, em plano detalhe, da mão de uma pessoa segurando um celular. Na tela a capa do Cardenos SESC de Cidadania, com um recorte da obra do artista Pegge, intitulada *Amor*, que mostra duas pessoas de costas, de mãos dadas, do peito até as coxas.

AUDIODESCRIÇÃO 3: QRcode que dá acesso à publicação em formato acessível com audiodescrição de imagens inserida em texto alternativo.

PÁGINAS 6 e 7.

AUDIODESCRIÇÃO: O desenho em tons de verde, roxo, azul e laranja, representativo do Projeto Territórios do Comum, tem a forma do mapa de São Paulo. Ocupa duas páginas e é dividido em seis cenas. Na primeira, à esquerda, três pessoas estão abaixadas, plantando mudas ou colhendo hortaliças em uma área verde na frente de um casebre, um homem cavuca a terra com uma enxada, outro com um grande chapéu registra a cena com um celular, e um cadeirante segura uma muda. Na segunda, à direita, um catador de papel puxa uma carroça pela rua, com um cartaz indicando separação de resíduos. Na terceira, no canto direito, abaixo da segunda, uma agenda com capa de flores laranja sobre fundo azul está na palma da mão de uma pessoa. Na quarta, à esquerda da página 7, um girassol e frutas como bananas, uma fatia de melancia e uma laranja. Na quinta, duas pessoas com máscaras de proteção carregam caixas com frutas na calçada de uma grande cidade. Uma mulher na janela de uma casa acena para elas. Ao fundo muitos prédios. Na sexta, à direita, um homem e uma mulher, ela de chapéu, estão em volta de um grande saco de grãos. Um menino está perto deles e um homem com bengala aproxima-se. Todos usam máscaras de proteção.

PÁGINAS 8 e 9.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um grupo de pessoas com agasalhos e mochilas nas costas, reunidas na Praça João Mendes, no centro de São Paulo, com árvores frondosas, outras mais ressequidas, sem folhas, em dia de sol. À direita, parte da fachada do Fórum João Mendes, um prédio com paredes brancas e 24 andares. À esquerda, ao fundo, parte da fachada do Palácio da Justiça. Um ônibus está parado no ponto.

PÁGINAS 10 e 11.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida de um grupo de meninos e jovens indígenas, correndo em fila, em uma área de terra batida, tendo ao fundo uma grande oca de formato oval, coberta de palha, e um pouco mais atrás uma extensa área verde. Eles têm os cabelos cortados em cuia, formato arredondado, com franja, estão nus, com os corpos e rostos pintados. Usam faixas coloridas na cintura e nas pernas com penachos ou chumaços de palha ou fios rústicos na frente, que cobrem os genitais. Suas sombras projetam-se no chão. À direita, em primeiro plano, estão cinco indígenas, sendo 3 crianças, com os rostos pintados e dois adultos, de costas com o tronco levemente inclinado para frente, segurando uma borduna, vara comprida de madeira. Ao fundo, uma longa fila com muitos indígenas com os rostos pintados, faixas coloridas na cintura, pernas e braços.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida do busto de Zumbi dos Palmares, instalado em praça pública em Brasília. Ele tem cabelos crespos curtos, rosto redondo, olhos fundos, nariz largo e boca grande.

PÁGINA 12.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, em primeiro plano (do peito para cima), de uma enfermeira, usando touca, máscara de proteção, jaleco branco sobre camiseta. Ela segura e mostra uma seringa, com o braço levemente erguido. Ao fundo uma placa do SESC e uma vasta área verde.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida, em plano detalhe, de mãos revolvendo a terra, com algumas mudas de hortaliças.

AUDIODESCRIÇÃO 3: A fotografia em preto e branco, em plano americano (das coxas para cima), tirada no ano de 1932, mostra várias mulheres com elegantes casacos e chapéus e um homem de terno, todos em volta de uma urna. Uma das mulheres, ao centro, coloca a cédula eleitoral na urna.

PÁGINA 13.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, de um grupo de pessoas, da Favela-Parque, reunidas em uma sala arejada com portas e janelas amplas, olhando atentos para uma pesquisadora à frente. Ela é uma mulher negra, tem os cabelos presos em um coque alto, e segura uma cartolina branca com texto.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida, de um grupo de pessoas no meio de uma floresta com um pequeno riacho à esquerda, paradas observando a natureza, em dia claro, de sol. Usam bermudas, calças compridas, camisetas e bonés, e carregam mochilas nas costas.

AUDIODESCRIÇÃO 3:

Fotografia em preto e branco de um tanque de guerra e dois jipes com alguns soldados, parados na frente do edifício do Congresso Nacional, em 1964, durante o Golpe Militar.

PÁGINA 14.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, vista de cima, de várias crianças, sentadas no chão de uma biblioteca, encostadas em uma prateleira, com livros e gibis abertos sobre as pernas.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia redonda em preto e branco, em close, do xavante Mário Juruna, em 1982. Ele é um homem de rosto redondo, tem os cabelos longos com franja curta, olhos pequenos. Usa terno e gravata e está de óculos na frente de microfones.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia redonda em preto e branco, em close, de Tancredo Neves, em 1985. Ele é branco, calvo, tem olhos pequenos, e usa terno escuro sobre camisa branca e gravata.

PÁGINA 15.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de Beto Pereira com o seu cão-guia Terry, um labrador preto, com sete crianças e mais um adulto, sentados no chão de uma sala com algumas mesas e cadeiras, fazendo uma vivência. Beto, um homem branco, de pele morena, calvo, com óculos escuros, está conversando com 3 crianças e acariciando o pescoço de Terry, que está deitado ao seu lado. À direita, Júnior, um homem branco, de cabelos castanhos curtos e barba, mostra um livro e interage com quatro crianças.

PÁGINA 16.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um rio largo de águas azuladas com um braço de terra que avança para dentro da água. Ao fundo, uma extensa área de vegetação.

PÁGINA 17.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de uma igreja rústica, pintada de branco com duas janelas e porta azuis, de madeira, e uma pequena cruz no alto. Em um dia de céu azul com muitas nuvens brancas, uma fila de mulheres afro-brasileiras, usando vestidos longos e estampados, a maioria com os ombros à mostra, forma uma fila em direção à parte interna da igreja. Elas seguram pratos nas mãos, alguns cobertos com panos, e conversam animadamente. Do lado esquerdo, duas mulheres e três crianças estão paradas observando a procissão que celebra a conquista da terra no quilombo Ivaporunduva, em Eldorado (SP), em 2019.

PÁGINA 18.

AUDIODESCRIÇÃO: Quadro com desenhos ilustrativos em branco sobre quadrados coloridos com os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável:

1. Erradicação da pobreza: desenho de quatro adultos e duas crianças de mãos dadas em quadro vermelho.
2. Fome zero: desenho de uma tigela de onde sai fumaça em quadro marrom claro.
3. Boa saúde e bem estar: linha de um eletrocardiograma e um coração em quadro verde.

4. Educação de qualidade: um livro e uma caneta em quadro vinho.
5. Igualdade de gênero: símbolo de homem e mulher em um só círculo com o sinal de igual no centro em quadro vermelho.
6. Água limpa e saneamento: copo com água com uma seta apontando para baixo em quadro azul piscina.
7. Energia acessível e limpa: círculo cercado de linhas semelhantes a raios solares em quadro amarelo.
8. Emprego digno e crescimento econômico: gráfico com 3 colunas com seta apontando para cima em quadro roxo.
9. Indústria, inovação e infraestrutura: três cubos encostados e sobrepostos em quadro laranja.
10. Redução das desigualdades: um círculo aberto com o sinal de igual no centro em quadro pink.
11. Cidades e comunidades sustentáveis: casas e prédios em quadro laranja.
12. Consumo e produção responsáveis: símbolo do infinito com uma seta na extremidade em quadro marrom.
13. Combate às alterações climáticas: mapa mundi dentro de um olho em quadro verde.
14. Vida debaixo d'água: um peixe e ondas do mar em quadro azul piscina.
15. Vida sobre a terra: uma árvore e três pássaros em quadro verde.
16. Paz, justiça e instituições fortes: uma pomba segurando uma folhinha pousada sobre um malhete, o martelo usado por juízes em quadro azul.
17. Parceria em prol das metas: cinco círculos sobrepostos, formando uma flor em quadro azul marinho.

No último quadrado, o título: OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL e o desenho de um globo terrestre contornado por uma coroa de louros em fundo branco.

PÁGINA 19.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um cadeirante, de costas, com sua cadeira inclinada apoiada em uma das rodas, em uma sala com carpete cinza e grades na frente. Ele usa capacete laranja, camiseta preta e cotoveleiras, e está com uma mão próxima ao chão e a outra apoiada na roda suspensa.

PÁGINAS 20 e 21.

AUDIODESCRIÇÃO: O óleo sobre tela de algodão cru do artista Pegge, intitulado *Zelo*, de 2019, medindo 120 por 80 cm, é uma tela tríptica, pintura com três partes, com fundo em tons claros de azul. A primeira parte da obra retrata em plano americano (das coxas para cima) um homem negro, de cabelos raspados, com fisionomia séria, de braços cruzados à frente do peito segurando um maço de folhagem. Ele usa camisa cor de laranja de mangas longas e calça acinzentada. A segunda parte da obra retrata o mesmo homem negro, das coxas para cima, de olhos fechados, segurando o maço de folhagens encostado no peito e face, que cobre parcialmente parte de seu rosto. A terceira parte mostra duas pessoas de costas, de mãos dadas, dos joelhos para cima: o homem negro, de cabelos raspados, e a metade de uma silhueta em tons manchados de azul e verde, iluminada por pinceladas de tinta branca. A tela é contornada por

pespontos pretos e tem na parte superior, acima da cabeça do homem retratado, e no meio das duas pessoas, a sigla LO71.

PÁGINA 22.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano americano, do artista Pegge, sorridente, em seu atelier, na frente de um painel com pinceladas em vários tons de cinza. Ele é branco, tem cabelos bem curtos, raspados nas laterais, cavanhaque e bigode castanhos, olhos pequenos. Ele usa camisa azul marinho de mangas compridas sobre camiseta branca. Tem uma tatuagem na mão esquerda que lembra uma bandeirinha.

PÁGINA 23.

AUDIODESCRIÇÃO 1: Fotografia colorida, em plano detalhe, de mão segurando um pincel em movimento pintando uma tela com tinta cor de laranja e amarela, iluminada por pinceladas de tinta branca.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Fotografia colorida, em plano detalhe, de um pincel sobre a tela esparramando as tintas em tons fortes de amarelo e laranja.

AUDIODESCRIÇÃO 3: Fotografia colorida, em plano detalhe, de um tubo de tinta cor de laranja, amassado e quase vazio sobre tela com concentração de tinta branca.

AUDIODESCRIÇÃO 4: Fotografia colorida, tirada bem de perto, da tela que está em alto relevo, devido à camada grossa de tinta, prevalecendo os tons de cinza e azul com alguns toques de rosa e amarelo.

PÁGINA 25.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de Rafael Zanatta, sorridente, sentado em um banco com o braço apoiado sobre uma pilha de livros. Ele é especialista em cooperativismo de plataforma e da proteção de dados pessoais. É um jovem branco, tem cabelos curtos castanhos, barba e olhos pequenos. Usa camisa cor de rosa de mangas compridas e arregaçadas sobre calça preta.

PÁGINA 27

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano americano (dos joelhos para cima) de Rafael Zanatta, sorridente, com os braços cruzados, encostado no tronco de uma árvore em uma área florestal. Ele é um homem branco, magro, com cabelos castanhos claros curtos repartidos ao meio, olhos pequenos, com barba e bigode. Ele veste camiseta cinza de mangas curtas com estampa frontal e calça preta. Ao fundo, várias árvores jovens de pinheiros com troncos finos e altos.

PÁGINAS 28 e 29

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida do casal Taís Cabral e Ricardo Benitez, trabalhando na construção da parede de um galpão, na oficina do curso de Construções Sustentáveis. Ricardo está à direita, dentro do galpão, pisando com os pés descalços em cima de uma mistura pastosa marrom que está sobre uma

lona plástica amarela, preparando a massa de adobe, uma mistura de terra, argila e água. Ele é branco, com barba e bigode, pretos; veste camiseta azul de mangas curtas e calça bege com as pernas arregaçadas, na altura dos joelhos, manchada de argila, usa boné preto com a aba para trás e luva na mão direita. Taís está agachada à esquerda, fora do galpão, em um terreno com chão de terra e cascalhos, ao lado da parede em construção, com luva de borracha amarela na mão direita, moldando a massa de adobe sobre a estrutura do muro, composta por uma moldura de madeira e tela de galinheiro. Ela é branca com cabelos castanhos, presos, e tem o antebraço esquerdo amputado. Veste blusa cinza de mangas longas, arregaçadas até os cotovelos, calça verde e tênis. O galpão, à direita, tem as paredes pretas com desenhos de corações brancos, e as palavras: saúde, união e bem, escritas dentro de balõezinhos, com letras coloridas. Ao redor do galpão, mesinhas com filtro de barro, panelas, fogão e algumas cadeiras; no chão, alguns tijolos de adobe, vermelhos, um carrinho de mão azul e um balde branco.

PÁGINA 30

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, em plano americano (dos quadris para cima), de Sebastiana de Farias, sorridente, no meio de um canteiro repleto de folhagens de uma horta, iluminada pela luz do sol. Ela é uma senhora branca com cabelos grisalhos curtos e ondulados, repartidos ao meio, e olhos pequenos. Ela usa um avental verde sobre camiseta de mangas curtas, listrada de azul, preto e branco.

PÁGINA 31

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida, tirada de cima para baixo, de um grupo de cinco pessoas, homens e mulheres, trabalhando no pátio da cooperativa Cooperpac, todos com máscaras de proteção e luvas bicolores, verde e brancas. Em primeiro plano, uma pessoa de camiseta azul manuseia material orgânico dentro de uma bombona de plástico azul e a outra, de camiseta branca, está com o corpo curvado à frente, com as mãos dentro de um saco branco no chão, ambas usando bonés. Ao centro, uma mulher negra com camiseta verde com o nome COOPERPAC estampado no peito, observa-os. Ao fundo, duas pessoas estão encostadas em um muro baixo, próximas de um balde e de uma escadinha portátil.

PÁGINA 32

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de Rodrigo Oliveira Martins, agachado, ao lado de um canteiro de hortaliças plantadas no chão de terra de uma propriedade rural, com uma das mãos sobre um pé de couve. Ele é um homem branco com cabelos castanhos curtos, penteados para trás, um pouco grisalho nas laterais. Ele usa camiseta azul escura com mangas longas arregaçadas, calça jeans e óculos de sol. Ao fundo, uma máquina agrícola e imagens desfocadas de pequenas árvores e arbustos.

PÁGINA 33

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida tirada em dia de céu azul, de um trecho do Rio Cubatão, na Baixada Santista, São Paulo, com exuberante vegetação

rasteira, arbustos e árvores, nas margens. A luz do dia que incide sob a superfície do rio de águas escurecidas e calmas, forma um espelho d'água, refletindo toda paisagem ao redor. Ao fundo, a antiga Ponte dos Arcos na Rodovia Anchieta, com estrutura em arco verde, pilares brancos, e uma cadeia de montanhas esverdeadas da Serra do Mar.

PÁGINAS 34 e 35.

AUDIODESCRIÇÃO: Fotografia colorida de um grupo de pessoas, homens e mulheres, de pé, todos com máscaras de proteção, reunidos no pátio da Casa do Hip Hop, no bairro da Paulicéia, na cidade de Piracicaba, São Paulo, participando da oficina, Vivência: Hortas Comunitárias e Mobilização Social, com o *chef* e jogador de basquete William Evangelista. À direita, está o oficineiro, de pé e de costas, atrás de uma mesa retangular de madeira, revestida com toalha colorida com estampas florais, ao lado de uma árvore e de um canteiro de hortaliças, sobre paletes de madeira. Na frente da mesa, à direita, duas pessoas com câmeras fotográficas sobre tripés.

PÁGINA 36

AUDIODESCRIÇÃO 1: Capa do livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, do autor Aílton Krenak, com fundo azul, ilustrada por grafismos indígenas com traços pretos na parte superior e inferior e o título escrito ao centro em quatro linhas com letras de forma maiúsculas vazadas, azul-claro.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Capa do livro *História da Cidadania*, de autoria dos historiadores Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky, com fundo branco, ilustrada por fotografias de pessoas e desenhos nos quatro cantos. O título escrito com letras de forma garrafais, em quatro linhas, nas cores marrom, vermelho e preto, ocupa toda capa. Dentro da letra "D" da palavra cidadania, a fotografia da cintura para cima de um jovem negro com o peito desnudo, sorridente.

AUDIODESCRIÇÃO 3: A capa do livro *Pandemia Crítica*, Edições SESC, 2021, com fundo preto, é ilustrada por três pontinhos entre parenteses no canto inferior direito. O título está escrito na lombada, com caracteres brancos.

PÁGINA 37

AUDIODESCRIÇÃO 1: Capa do *Dicionário Internacional da Outra Economia*, Edições Al-medina, 2009, com fundo preto, ilustrado com as letras de forma P e S, pinceladas de azul.

AUDIODESCRIÇÃO 2: Capa do livro *Cooperativismo de Plataforma*, do autor Trebor Scholz, com fundo azul claro, ilustrada com uma faixa rosa na parte superior com a frase: #ROSALUX01. Logo abaixo, o nome do autor e o título, escritos com letras de forma cor de rosa; na metade inferior, uma imagem pixelada e desfocada de um engarrafamento de veículos, com uma tarja marrom em cima, e a frase: *OS PERIGOS DA UBERIZAÇÃO. O bem comum como alternativa à precarização do trabalho e da vida.*

AUDIODESCRIÇÃO 3: A capa do livro *O Mundo em 3D*, do autor Renato Frosch, com fundo azul claro, é ilustrada por desenho computadorizado, em três dimensões, de uma praça arborizada, com chão gramado, banco de madeira, postes de luz, fonte de água e uma casinha do lado esquerdo. Na metade superior, o nome do autor, o título, e a frase: *Produção de recursos pedagógicos inclusivos*, escritos na cor lilás. No canto inferior direito, a palavra: *Encontrografia*, escrita com letras brancas, com a palavra grafia destacada em negrito.

PÁGINA 39

AUDIODESCRIÇÃO: Página com fundo amarelo, ilustrada com desenhos de três pétalas ovais e alongadas, nas cores lilás e amarelo, com as pontas afuniladas e unidas. À esquerda, três pétalas grandes, com as partes arredondadas para cima; no canto superior direito, três pétalas menores, com as partes arredondadas para baixo. No canto inferior direito, no meio da frase: *Lixo: menos é mais*, seis pétalas bem pequenas, com um sinal de "mais" dentro e três voltadas para baixo, com um sinal de "menos". Abaixo, à direita, a frase e o site: Saiba mais em <https://www.secsp.org.br/projetos/lixo-menos-e-mais/>

PÁGINA 40 – CONTRACAPA.

AUDIODESCRIÇÃO: Contracapa com fundo amarelo ouro com bordas estreitas prateadas, ambas com textura arenosa com pontinhos pretos. Nos cantos, superior direito e inferior esquerdo da página, algumas letras de forma minúsculas no formato bastão, pretas. No canto inferior direito o código ISSN número 2177-3696 com o código de barras embaixo.